



DO AUTO-RETRATO À MÁSCARA

Sandra Isabel Sousa Henriques

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Ensino das Artes Visuais

2014



DO AUTO-RETRATO À MÁSCARA

Sandra Isabel Sousa Henriques

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
orientado pelo Professor Doutor António Oriol Trindade

Mestrado em Ensino das Artes Visuais

2014

Agradecimentos

Aos meus pais.

Aos alunos da turma 11º AV1 da ESPAV.

Ao professor António Trindade.

A Elisa Mendonça.

RESUMO

O relatório da Prática de Ensino Supervisionada, *Do Auto-Retrato à Máscara*, constitui-se por duas partes. A primeira parte diz respeito aos conceitos essenciais para o desenvolvimento da unidade didáctica, que é descrita, em continuação, na segunda parte do relatório.

Na primeira parte justifica-se a escolha dos conceitos, Auto-retrato, Auto-representação e Máscara, pelo seu carácter motivacional e reflexivo e demonstra-se a possibilidade da realização de um percurso do Auto-retrato à Máscara, através de exemplos de imagens visuais.

Na segunda parte apresenta-se a unidade didáctica preparada para, e desenvolvida com, a turma de Artes Visuais do 11º ano da Escola Secundária Padre António Vieira em Alvalade. É feito o seu enquadramento na comunidade, escola, turma e disciplina e apresentada toda a planificação, explicados todos os procedimentos e relatados os resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Auto-retrato; Auto-representação; Motivação; Desenho; Ensino.

ABSTRACT

The report of the Supervised Teaching Practice, *From the Self-Portrait to the Mask*, consists of two parts. The first part outlines the essential concepts, necessary for the development of the didactic unit, which is described in the second part.

The first part explains the choice of concepts - self-portrait, self-representation and mask - as a result of its motivational and reflexive power and the possibility of making a path from the Self-portrait to the Mask using visual images.

The second part presents the didactic unit, prepared to, and developed with, the Visual Arts class of the Padre António Vieira high school, located in Alvalade, Lisbon. The integration of the didactic unit at the school, class and community levels are reported, as well as all the procedures and obtained results.

KEYWORDS: Self-portrait; Self-representation; Motivation; Drawing; Education.

ÍNDICE GERAL

LISTA DE ABREVIATURAS	xiii
ÍNDICE DE FIGURAS	xiii
ÍNDICE DE QUADROS	xvi
ÍNDICE DE ANEXOS	xvi
INTRODUÇÃO	1
1. AUTO-RETRATO, AUTO-REPRESENTAÇÃO E MÁSCARA	3
1.1 Retrato e Auto-retrato: Evolução histórica e conceptual	5
1.1.1 Auto-retrato como experiência da consciência e da transformação de si	8
1.1.2 Abordagens plásticas	10
1.1.3 As três dimensões: referente, <i>medium</i> e a representação final	12
1.2 Máscara social: conjunto de personagens	13
1.2.1 Autor-actor e o disfarce-máscara	15
1.2.2 As possibilidades da máscara física e social	16
1.2.3 A máscara enquanto espaço de representação	18
2. UNIDADE DIDÁTICA: <i>DO AUTO-RETRATO À MÁSCARA</i>	21
2.1 Enquadramento Curricular e Didáctico	21
2.1.1 Escola Padre António Vieira	22
2.1.2 Disciplina de Desenho A	25
2.1.3 Turma 11º AV1	27
2.2. A unidade Didáctica: <i>Do Auto-Retrato à Máscara</i>	29
2.2.1 <i>Do Auto-Retrato à Máscara</i> : Objectivos, Conteúdos e Estratégias de ensino	30
2.2.2 Planificação	33
2.2.3 Análise e Reflexão	40
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	49

LISTA DE ABREVIATURAS

AEA – Agrupamento de Escolas de Alvalade

AV1 – Artes Visuais. Relativo à turma número um, do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais.

CEF – Cursos de Educação e Formação

CFPJS – Centro de Formação Professor João Soares

ESPAV – Escola Secundária Padre António Vieira

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Cindy Sherman, *Untitled #479*, 1975. Fotografia. Figura disponível online no site do MoMa Museum of Modern Art: <http://www.moma.org/>

Figura 2 - Oliver Parker, *Dorian Gray*, 2009. *Still* de filme em DVD.

Figura 3. Oliver Parker, *Dorian Gray*, 2009. *Still* de filme em DVD.

Figura 4 - Sandra Henriques. Fotomontagem com as figuras/ obras de autores: Jorge Molder, *Pinocchio*, 2006-2009; Salvador Dalí, *Auto-retrato*; Fernando Lemos, *Eu (Auto-retrato)*, 1949; Terri Thomas, *Phren: Vivisection*, 2013; Bruce Nauman, *Auto-retrato como fonte*, 1966; Gustave Coubert, *O Desesperado*, 1843; Francis Bacon, *Auto-retrato*, 1969; Chuck Close, *Auto-retrato II*, 2011; Andy Warhol, *Auto-retrato com Caveira*, 1977; David Hockney, *'joiner' Auto-retrato*; John Coplans; Shirin Neshat, *Mulheres de Alá*, 1993-97, Louise Bourgeois, *Auto-retrato, fase V*, 1990. (2014).

Figura 5 - Julie Taymor, *Frida*, 2002. *Still* de filme em DVD.

Figura 6 - Vista da ESPA V. Fotografia digital disponível no site da escola: <http://aealvalade.edu.pt>, 2014.

Figura 7 - Walter, *O Sentido e a Forma na Cor*. Fotografia da instalação: PVC, cartão, MDF, guache, 20, 30, 35 cm, 2013.

Figura 8 - André Silva, Estudo do corpo humano. Grafite sobre papel, 21x29.7 cm, 2013.

Figura 9 - Sandra Henriques, Sessão fotográfica realizada à aluna Mariana Araújo. Fotografia digital, 2014.

Figura 10 - Sandra Henriques, Sessão fotográfica a Rogério Djaló. Fotografia digital, 2014.

Figura 11 - Rogério Djaló, Exercício de sobreposição. Lápis de cor sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 12 –Sandra Henriques, Expositor da sala de aula. Fotografa digital, 2014.

Figura 13 - Campanha publicitária do Banco Espírito Santo, BES. Cartaz, 2013.

Figura 14 - Andy Warhol, *Auto-retrato*, 1966. Disponível no site do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque: <http://www.moma.org/>. Conjunto de 9 quadros: tinta serigráfica em tela, cada 57.2x57.2 cm, o conjunto 171.7x171.7 cm.

Figura 15 - Marta Maganão, Exercício de transformação gráfica: repetição/alternância. Pastel de óleo sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 16 - Ana Beatriz Dias, Exercício de transformação gráfica: repetição. Pastel de óleo sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 17 - Sandra Henriques, Sessão fotográfica a Mariana. Fotografia digital, 2014.

Figura 18 - Gustave Coubert, *O Desesperado*, 1843. Óleo sobre tela, 45x54 cm.

Figura 19 - Sandra Henriques, Sessão fotográfica a Marta - *Lolita fashion*. Fotografia digital, 2014.

Figura 20 - Sandra Henriques, Sessão fotográfica a Ana Beatriz - *Estilo pin-up*. Fotografia digital, 2014.

Figura 21 - André Lopes, Exercício de transformação gráfica: alternância. Pastel de óleo e tinta da china sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 22 - André Lopes. Exercício de transformação gráfica: repetição e transformação. Técnica mista sobre papel, 29.7x 42 cm, 2014.

Figura 23 - Melissa Ramos, Exercício de transformação gráfica: positivo/negativo com alternância. Tinta da china sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 24 - Ana Beatriz Dias, Exercício de transformação gráfica: positivo/negativo. Tinta da china sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 25 - Catarina Almeida, Exercício de transformação gráfica: rotação e articulação palavra/imagem. Técnica mista sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 26 - Melissa Ramos, Exercício de transformação gráfica: sobreposição, 2014. Canetas de feltro sobre papel, A3.

Figura 27 - Mariana Araújo, Exercício de transformação gráfica: rotação, Tinta da china sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 28 - Rafael França, Exercício de transformação gráfica: sobreposição. Lápis de cor e canetas de feltro sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 29 - Catarina Almeida, Exercício de transformação gráfica: Transformação, Aguarela sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 30 - Rogério Djaló, Experiências de cor no software *Photoshop*, 2014.

Figura 31 a 33 - Sandra Henriques, *Sessão fotográfica a Azinádia Augusto, Ricardo Alexandre e Patrícia Reis*. Fotografia digital, 2014.

Figura 34 - Ricardo Alexandre, Exercício de transformação gráfica: Repetição. Caneta sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 35 - Lúcia Melo, Exercício de transformação gráfica: Repetição. Guache sobre papel, 29.7x42 cm, 2014

Figuras 36 - Rafael França. Exercício de transformação gráfica: alternância (fotografia do diário gráfico). Grafite sobre papel, 21x29.7 cm, 2014.

Figura 37 - André Silva. Exercício de transformação gráfica: alternância. Pastel de óleo sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 38 - André Lopes. Exercício de transformação gráfica: rotação. Grafite sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 39 - Geteia Cá. Exercício de transformação gráfica: rotação. Caneta e tinta da china sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 40 - André Silva. Exercício de transformação gráfica: rotação, tinta da china sobre papel, 29.7x42 cm, 2014.

Figura 41 - Marta Maganão. Exercício de transformação gráfica: sobreposição. Fotografia de desenho no diário gráfico, lápis de cor sobre papel, 21x29.7 cm, 2014.

Figura 42 - Mariana Araújo. Exercício de transformação gráfica: sobreposição. Lápis de cor e tinta da china sobre papel, 21x29.7 cm, 2014.

Figura 43 - André Silva. Exercício de transformação gráfica: positivo/negativo. Tinta da china sobre papel, 21x29.7 cm, 2014

Figura 44 - Marta Maganão. Exercício de transformação gráfica: positivo/negativo. Tinta da china sobre papel, 21x29.7 cm, 2014.

Figura 45 - Geteia Cá. Exercício de transformação gráfica: transformação. Lápis de cor sobre papel, 21x29.7 cm, 2014.

Figura 46. Erika Menezes. Exercício de transformação gráfica: transformação. Caneta sobre papel, 21x29.7 cm, 2014.

Figura 47 - André Lopes. Exercício de transformação gráfica: transformação. Pastel de óleo sobre papel, 21x29.7 cm, 2014.

Figura 48 - Diana Valente. Exercício de transformação gráfica: transformação. Fotografia digital, 2014.

Figura 49 - Diana Valente. Exercício de transformação gráfica: transformação. Lápis de cor sobre papel, 21x29.7 cm, 2014.

Figura 50 - Catarina Almeida, Exercício de transformação gráfica: nivelamento por simplificação e acentuação. Grafite sobre papel, 21x29.7 cm, 2014.

Figura 51 - Inês Sakaita. Estudos de cor no *software Photoshop*. Imagem digital, 2014.

Figura 52 - Lúcia Melo. Estudos de cor no *software Photoshop*. Imagem digital, 2014.

Figura 53 - Melissa Ramos, Trabalho final de auto-representação. Fotografia digital, 2014.

Figura 54 - André Silva, Trabalho final auto-representação. Técnica mista sobre papel, 42x59.4 cm, 2014.

Figura 55 – Marta Maganão, Trabalho final auto-representação. Lápis de cor sobre papel, 42x59.4 cm, 2014, 2014.

Figura 56 - Diana Valente, Trabalho final auto-representação. Técnica mista sobre papel, 42x59.4 cm, 2014.

Figura 57 - Mariana Araújo, Trabalho final auto-representação. Técnica mista sobre papel, 42x59.4 cm, 2014.

Figura 58 - Sara Silva, Trabalho final auto-representação. Técnica mista sobre papel, 42x59.4 cm, 2014.

Figura 59 - Rafael França, Trabalho final auto-representação. Grafite sobre papel, 42x59.4 cm, 2014.

Figura 60 - Melissa Ramos, Trabalho final auto-representação. Guache sobre papel, 2x 42x59.4 cm, 2014.

Figura 61 - Lúcia Melo, Trabalho final auto-representação. Aguarela sobre papel, 2x 42x59.4 cm, 2014.

Figura 62 – Sandra Henriques, Exposição *A minha arte é ser eu*. Fotografia digital, 2014.

Figura 63 – Sandra Henriques, Exposição *A minha arte é ser eu*. Fotografia digital, 2014.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição de alunos por nível de ensino e curso na ESPAV, 2014.

Quadro 2 - Distribuição de docentes por departamento e grupo disciplinar na ESPAV, 2014

Quadro 3 - Itens de avaliação, critérios aplicáveis e ponderação no apuramento da classificação final.
Quadro aprovado em reunião do Departamento de Artes a 12 de Setembro de 2013

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 - Figuras	49
ANEXO 2 – Quadros	61
ANEXO 3 – Grelhas de Planificação de Aulas	63
ANEXO 4 – Apresentações	85
ANEXO 5 – Resultados	107
ANEXO 6 – Relatório da Professora Cooperante	123

INTRODUÇÃO

O presente relatório resulta do estágio profissional cumprido no âmbito da disciplina de Iniciação à Prática Pedagógica III e IV do Mestrado em Ensino das Artes Visuais. Este estágio foi realizado na Escola Padre António Viera em Alvalade, na disciplina de Desenho A, com turma de 11º ano de Artes Visuais - 11º AV1, e com a cooperação da professora Elisa Mendonça. Neste contexto, foi dinamizada a unidade didáctica com o título *Do Auto-retrato à Máscara*.

O relatório serve os propósitos de apresentar a referida unidade didáctica através do seu enquadramento no programa de 11º ano da disciplina de Desenho A, do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, assim como o de expor a sua fundamentação teórica, planificação, execução e reflexão sobre os resultados.

Os objectivos do relatório são os mesmos da unidade de trabalho e podem resumir-se, de grosso modo, em dois grupos, um de índole teórica e o outro de prática.

O primeiro grupo refere-se aos conteúdos da disciplina de Desenho A, mais especificamente, aos conteúdos específicos abordados pela unidade de trabalho, a figura humana e a transformação gráfica. Pretendeu-se desenvolver a cultura artística dos alunos, isto é, desenvolver os conhecimentos acerca das abordagens e soluções apresentadas por diferentes artistas, entender a contextualização económica, social e política da obra, entender o processo criativo e a adequação à técnica utilizada, assim como o de reconhecer nas obras a aplicação dos conteúdos da disciplina de Desenho. Ambicionou-se o desenvolvimento da auto-estima, da promoção do auto-conceito e do estudo e busca de conhecimento sobre si próprio, através do exercício de auto-retrato, auto-representação e máscara.

No segundo grupo de objectivos insere-se o desenvolvimento das aptidões técnicas, isto é, o aumento do conhecimento e domínio de técnicas, meios e materiais e a adequação entre eles.

Estes objectivos estiveram subordinados a outro maior relacionado com o encontro de estratégias para a motivação de alunos que, por diversos motivos, demonstram resistência à escola.

Para atingir os objectivos propostos relatório, tal como a unidade didáctica, dividiu-se em duas partes. Na primeira parte apresenta-se a fundamentação teórica,

ou seja, a exploração dos conceitos de retrato, auto-retrato, auto-representação e máscara. Destes conceitos realçam-se as premissas: contemplação do eu, confronto entre interior e exterior, tomada de consciência de máscaras sociais, e a exploração da individualidade no meio da pluralidade.

A segunda parte do relatório refere-se à explanação da unidade didáctica. É feito o seu enquadramento curricular e didáctico no meio físico e social: Escola Padre António Vieira, disciplina de Desenho A, turma 11ºAV1. São apresentadas as planificações necessárias à prática pedagógica, com os respectivos conteúdos, estratégias de ensino, calendarização, objectivos, recursos, materiais e, avaliação que inclui critérios, itens e cotação.

Nesta última parte é ainda apresentada uma reflexão das actividades realizadas e uma apresentação de resultados.

O relatório não está escrito segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

1. AUTO-RETRATO, AUTO-REPRESENTAÇÃO E MÁSCARA

Na primeira parte deste relatório consideraram-se os conceitos fundamentais de auto-retrato, auto-representação e máscara, tendo em vista a sua exploração numa unidade didáctica a ser aplicada na disciplina de Desenho A, com uma turma do ensino secundário, mais concretamente do 11º ano de Artes Visuais da Escola Padre António Vieira, em Alvalade.

A escolha dos referidos conceitos para esta unidade didáctica foi realizada tendo em conta as condições adversas que parecem estar a instalar-se no quotidiano da ESPAV: aumento da indisciplina, absentismo e desmotivação para tarefas escolares; do lado dos professores, a crescente sensação dos alunos não estarem dispostos a "aprender".

Pensou-se portanto, que o desenvolvimento de uma unidade didáctica sobre os temas/conceitos de auto-retrato, auto-representação e máscara, tenderia a proporcionar estímulos para a reflexão individual sobre o “eu” e sobre os problemas que nos rodeiam.

Deste modo, esta unidade didáctica iria permitir aos alunos realizar um trabalho no qual a reflexão sobre si seria factor de motivação, uma vez que, não existe nada com maior significado para o aluno do que ele próprio.

Pode-se dizer, metaforicamente, que a abordagem dos conceitos e a unidade didáctica pretende definir um trajecto semelhante ao da peça *Untitled #479*, 1975, de Cindy Sherman. Mais especificamente, nesta série de fotografias da artista pode assistir-se à sua própria transformação, que tem início no auto-retrato, passando pela auto-representação e terminando na máscara (figura 1, anexo 1).

O retrato foi o ponto de partida para a análise de conceitos seus descendentes: auto-retrato e auto-representação. Dois conceitos com semelhança morfológica pela partilha do termo *Auto*, um prefixo de origem grega que entra na composição de numerosas palavras, significando algo que é próprio de si, relativo a si mesmo.

A semelhança do significado dos conceitos dá-se também pelos termos *retrato* e *representação*, que enquanto verbos, retratar e representar, podem ser sinónimos. Tanto um como o outro referem-se à realização de uma figura ou imagem

de algo ou alguém, por diversos meios e materiais, de forma a tornar presente, expor, revelar ou mostrar.

Para além da curiosidade das semelhanças importou, no relatório e na unidade didáctica, destacar a diferença entre os conceitos, porque esta torna a auto-representação mais complexa. Uma vez que retratar parece estar mais ligado a uma cópia fiel, exacta de uma coisa ou ideia e representar implica a tradução de significados e símbolos, significa estar em vez de, no lugar de alguém, substituir, exercer as funções de alguém. Ou seja, é a diferença entre a representação exacta existente, por exemplo, inicialmente no retrato de *Dorian Gray* (figura do romance de Oscar Wilde, *The Picture of Dorian Gray*, 1890) e a representação final transformada, uma vez que a imagem/quadro sofre e reflecte as atrocidades da vida boémia vivida pela personagem (figuras 2 e 3, anexo1).

Tanto retratar como representar exige a presença do indivíduo e, a sua acção e individualidade está contida no trajecto *Do Auto-retrato à Máscara*.

No entanto, representar permite o que retratar não permite, isto é, a possibilidade de se ser várias coisas, possibilita uma carga de falsidade, permite construir uma máscara.

A representação foi um conceito chave para a unidade didáctica, pois pretendeu-se que os alunos se representassem através de formas visuais, capazes de transpor para o desenho e pintura os seus aspectos físicos e psicológicos.

A representação foi o processo fundamental através do qual os alunos concretizaram esta unidade, uma vez que, segundo Sigmund Freud (1915-17), a representação é o termo para o processo psicológico especial para a elaboração onírica, pelo qual as vivências aparecem sobre forma de imagens visuais; a capacidade de realizar figuração mental de qualquer objecto ou facto; ou a imagem mental de uma percepção interior.

1.1. Retrato, Auto-retrato: Evolução histórica e conceptual

Uma breve análise da evolução histórica e conceptual do auto-retrato permite a tomada de consciência das mudanças que ocorreram neste tipo de exercício e experiência vivida pelos artistas. Permite perceber o modo como o exercício de auto-retrato foi realizado, os seus diversos objectivos, materiais, médiums, e soluções/representações visuais que acompanham a sucessão do pensamento conceptual e dos consequentes movimentos artísticos.

Porém, antes de nos referirmos ao termo auto-retrato é inevitável abordar o termo retrato, pois este surge em primeiro lugar. As suas origens estão relacionadas com o conceito subsequente: auto-retrato.

O “mito da sombra”, conto sobre o registo da sombra de um soldado feito numa parede, introduz a origem do retrato com finalidade de fazer prolongar a presença de alguém depois da sua ausência, seja ela momentânea ou definitiva. (Ramos, 2001: 4).

O retrato vem substituir uma ausência e é forma de ultrapassar as barreiras do tempo e lugar. Por meio da criação de um desenho, pintura, ou escultura, o retrato pretendia obter a imagem de alguém de modo a permitir conhecer ou guardar na memória como esse alguém foi e, evitando assim que o tempo apaga-se essa imagem.

Podemos reconhecer esta função, prolongar ou perpetuar a presença de alguém, em bustos de imperadores romanos ou em pinturas fúnebres egípcias (por exemplo, os retratos *Al Fayum*, séc. I-III a. C.) ou, mais próximo de nós, em fotografias dos nossos entes queridos que já não existem, como se pode ler em seguida:

A minha avó fala todos os dias com o retrato de meu avô. A imagem assume uma presença real ao assumir o papel de substituição. De certa maneira é quase como se se tratasse de um faz de conta numa brincadeira de crianças. (Joana Silva, 2013)

O auto-retrato serve também as funções ligadas ao fixar de uma existência num determinado tempo e lugar, porém, surge por motivos diferentes ligados à incontornável diferença entre auto-retrato e retrato, isto é, o facto de referente e autor/artista serem a mesma pessoa, o que torna o auto-retrato uma experiência mais complexa: a experiência da consciência de si e de possibilidade de transformação de

si, ou seja, o tipo de experiência que interessa à unidade didáctica: *Do Auto-Retrato à Máscara*.

Portanto importa considerar o conceito de auto-retrato e analisá-lo através das suas motivações, que vão variando e acompanhando as mudanças do contexto histórico e social, assim como o crescente destaque desta experiência, que apenas entre o séc. XVIII e XIX é-lhe atribuído o termo auto-retrato. Até esta altura os autores intitulavam a obra apenas como “retrato de X feito por ele mesmo”.

O auto-retrato começa por ser uma experiência bastante simples, ou seja, começa por ser uma espécie de assinatura. O artista fazia-se representar na obra que lhe era encomendada por figuras ilustres, para se identificar como autor. Por exemplo, o escultor grego Phidias, o qual criou esculturas para o Parthenon, é lendário por ter estado preso em consequência de ter deixado como assinatura um pequeno auto-retrato no escudo de Atena; ou no afresco do *Juízo Final* na Capela Arena, no qual Giotto inclui-se entre os homens eleitos para entrar no paraíso.

Mais tarde, o artista realiza auto-retratos como forma de projecção e divulgação da sua profissão e habilidade, para que lhe fossem feitas encomendas.

Por influência do romantismo, o auto-retrato adquire outra profundidade, ou seja, era utilizado para exaltar o poder “messiânico” do artista. Podemos lembrar os primeiros retratos de que há conhecimento, os auto-retratos de Jean Fouquet (1450), de Jan Van Eyck (1433), ou os de Albrecht Dürer.

No período renascentista, o auto-retrato sofre transformações devido às influências do novo pensamento humanista e antropocêntrico. Albrecht Dürer demonstra esta nova forma de pensar no seu *Auto-Retrato* (1500), em que se representa com pose semelhante a Deus.

Neste período, a arte era entendida como imitação da natureza, ou seja, a imagem perfeita da obra de Deus, e deste modo o artista era considerado uma espécie de cientista e intelectual. A representação pictórica era feita com realismo e o retratado apresentava-se em harmonia com o fundo, geralmente preenchido com a fauna.

Apesar de teorias que menosprezam o trabalho do artista, como a Teoria das Ideias de Platão, na qual o artista é considerado um simples imitador, abaixo do artesão e da ideia que pertence a Deus, surgem reinterpretações em defesa do artista.

O mundo das ideias é transportado para a subjectividade da alma artística, considerando que o artista possui em si a forma ou a ideia.

Por conseguinte, o auto-retrato torna-se um estudo do próprio autor, um estudo de si mesmo. Assim o demonstram os inúmeros auto-retratos de Albrecht Dürer, Rembrandt ou Gustave Coubert.

Albrecht Dürer faz-se representar em várias idades da vida e com várias indumentárias; Rembrandt faz o mesmo e acrescenta o estudo de estados de humor e expressões faciais; Gustave Coubert introduz fantasia no auto-retrato, acrescenta artefactos e/ou pessoas para simbolizar a sua condição social ou estado mental.

A partir desta altura, a cara do artista deixa de ser a imagem principal. O retrato e o auto-retrato clássico que submetiam a representação a princípios universais, a partir do impressionismo tornam-se em representações mais individualizadas: o auto-retrato apresenta-se como modo de identificação do artista, com preocupações formais e especulações estéticas.

No auto-retrato, o realismo em termos de semelhança desvanece devido aos seus novos objectivos, ou seja, a tomada de consciência de si próprio e da sua relação com o mundo. O auto-retrato passa a ter um carácter mais intimista, introspectivo, dramático e narrativo.

Depois do período de abstraccionismo, as formas, cores e padrões representam artistas como Picasso ou Marc Chagall. E, por exemplo, Jackson Pollock e Mark Rothko abandonam definitivamente a figura com aparência humana, mesmo distorcida, levando a abstracção a um nível superior profundamente emocional e revelador.

O auto-retrato torna-se na identificação suprema do artista, passando a ser encarado como uma experiência de pesquisa, especulações estéticas, interrogações e dúvidas.

A partir do séc. XX dá-se a explosão de novos processos plásticos e conceptuais de auto-retrato e auto-representação. Deste modo, o auto-retrato passa a ser uma prática com objectivo próprio e cada auto-retrato é um caso particular, obedecendo a parâmetros de ordem individual ou subjectiva (Ramos, 2001: 13). Tal pode-se constatar através dos exercícios de auto-retrato tão diferentes como os de Francis Bacon, Georg Baselitz, Jean-Michel Basquiat, Bonnard Chirico, entre outros.

O que é comum a todos os processos de auto-retrato referidos é a experiência que representam, isto é, a necessidade de olhar-se a si próprio e investigar, através da sua fisionomia, o seu lado mais íntimo.

À análise e representação fisionómica usual no auto-retrato acrescem referências às características psicológicas, através da manipulação e representação plástica e pela utilização da representação de referências: objectos, locais, amigos.

Propôs-se o entendimento do auto-retrato, na unidade didáctica *Do Auto-Retrato à Máscara*, como uma experiência de consciência de si e de possibilidade de transformação de si, através da representação.

1.1.1 Auto-retrato como experiência da consciência de si e da transformação de si

Toda a obra tem as características do seu autor presentes, de modo que identificamos quase sempre o seu autor. Qualquer obra, não apenas o auto-retrato, de Van Gogh ou de Frida Kahlo, é imediatamente reconhecida.

Porém, auto-retrato é uma experiência única vivida pelo seu autor, isto porque é uma obra que não existe sem ele. O artista é autor e referente. Através da realização de um auto-retrato dá-se uma experiência de confronto e articulação entre a realidade visível, aparente e exterior, e a realidade invisível, interior e espiritual do artista. Deste modo, o auto-retrato é fonte de conhecimento sobre o próprio autor e da sua relação com o mundo; é uma experiência da sua representação visual. Portanto, é uma experiência de consciência de si.

O auto-retrato deixou há muito de cumprir funções de propaganda e exibição de dotes do artista, passando a ser uma experiência de investigação sobre si. Já Rembrandt van Rijn (1606-1669) fez-se representar de inúmeras formas, com vários estados de humor, várias idades e indumentárias. Com que propósitos o fez? A fim de conhecer-se melhor? Para aumentar a consideração tida pelos outros em relação a si? Albrecht Dürer ao representar-se na pose de Deus pretendia apenas demonstrar a importância do artista? Gustave Courbet pretendia expor-se, a si e a todos os seus ideais, na obra *Atelier do pintor*? Porque razão representa-se “desesperado”?

Através do auto-retrato estes e outros artistas viveram uma experiência solitária, onde tomavam consciência de si. A sós com o referente, médium e representação, encontraram liberdade nesta experiência, ou seja, a possibilidade da transformação de si.

A ocorrência da experiência de transformação de si, durante a concepção de uma obra de auto-retrato ou auto-representação, acontece por vários motivos, entre eles: 1. A diluição da própria imagem em inúmeras outras, fenómeno resultante da soma de observações que se realizam durante o tempo da execução da obra, que é também a consciência da fluidez da vida, da passagem do tempo e das metamorfoses do corpo; 2. As variações que acontecem durante a realização da obra, criadas pelo movimento e o tempo, pelas expressões de sentimentos e estados emocionais e pelas condições atmosféricas ou de luz ambiente; 3. A coincidência em que o autor é o referente, podendo tornar-se em actor e espectador de si próprio, gerindo o confronto entre aquilo que se pensa ser e a imagem reflectida, permitindo jogar com aquilo que se é e se quer ser.

Nas situações referidas acima, o auto-retrato deixa os limites do realismo em termos de semelhança, deixando de estar apenas relacionado com o processo mecânico de ver e representar rigorosamente, passando a estar relacionado com o que se sente, entrando na eminência da mudança e nos domínios da auto-representação. Por outras palavras, a transformação acontece “ [...] quando a construção se torna menos mimética e ultrapassa os rígidos limites da imagem especular” (Ramos, 2001:84).

O auto-retrato é o início de uma experiência de transformação de si, pois permite reinventar a própria imagem, onde se podem evocar contextos, personagens e mundos que não são os reais, assim o faz Cindy Sherman no exemplo referido anteriormente (figura 1, anexo 1).

1.1.2 Abordagens plásticas

O desafio desta experiência de si e de transformação de si, ou seja, da realização de uma obra de auto-retrato e/ou auto-representação, é encontrar a identidade própria, aquilo que se vive e vê, e a forma/meio coincidente não óbvia, ou seja, colocar neste exercício aquilo que se quer: o que se vive ou que não se vive, o que se vê ou o que não se vê, mas que se relaciona com o indivíduo e com a sua identidade.

Para auxiliar neste desafio podemos investigar obras e artistas que vão além da mera reprodução de uma imagem semelhante a si, demonstrando preocupações, ideias ou transmitindo mensagens através do seu auto-retrato ou auto-representação.

A pesquisa sobre obras relacionadas com grandes temas ou assuntos, como o auto-retrato, pode facilitar o processo artístico. No entanto, estas obras e temas devem relacionar-se com os conhecimentos básicos adquiridos pelos alunos, até ao momento, ou então estabelecer algum tipo de ligações pessoais.

O intuito de conhecer o processo criativo de artistas não tem como objectivo reduzi-lo a uma formula única, mas auxiliar no reconhecimento, por parte dos alunos, de estrutura que dirige a prática artística em direcção à produção de significado (Walker, 2004). Deste modo, os alunos entendem que um artista não é um ser divinamente inspirado, mas uma pessoa comum que investiga e trabalha tal como eles.

De entre inúmeros exemplos possíveis de artistas que trabalharam sobre os temas/conceitos de auto-retrato, auto-representação e máscara, sugerem-se alguns e algumas obras, como incontornáveis: Jorge Molder, *Pinocchio*, 2006-2009; Salvador Dalí, *Auto-retrato*; Fernando Lemos, *Eu (Auto-Retrato)*, 1949; Terri Thomas, *Phren: Vivisection*, 2013; Bruce Nauman, *Auto-Retrato Como Fonte*, 1966; Gustave Courbet, *O Desesperado*, 1843; Francis Bacon, *Auto-Retrato*, 1969; Chuck Close, *Auto-Retrato II*, 2011; Andy Warhol, *Auto-Retrato Com Caveira*, 1977; David Hockney, *'Joiner' Auto-Retrato*; John Coplans, *Auto-Retrato*, 1992; Shirin Neshat, *Mulheres de Alá*, 1993-97, Louise Bourgeois, *Auto-Retrato, fase V*, 1990. (figura 4, anexol).

Estes exemplos demonstram que o auto-retrato e a auto-representação podem assumir muitas formas de representação final e serem construídos através de diversos *médiuns* como pintura, escultura, fotografia, vídeo, entre outros.

Os métodos para a realização desta experiência de si e de transformação de si é também variada, com limite na imaginação do artista. Para realizar um auto-retrato ou auto-representação pode-se, por exemplo, recorrer: à exploração de metamorfoses, através das expressões faciais de vários estados de humor (associando com as expressões “ficar azul, verde, cara longa”); ao registo da passagem do tempo (fotografias ou desenhos de várias fases da vida); à manipulação, distorção ou simplificação da imagem (caricatura); à desfragmentação - separação dos constituintes do rosto e nova montagem; à utilização do corpo físico como suporte, carimbo ou objecto; ou à representação de personagens com recurso a acessórios.

Neste sentido, ao considerar o auto-retrato como uma experiência da possibilidade de transformação de si, podemos destacar o trabalho da artista Cindy Sherman, e a já referida série de fotografias *Untitled #479* (1975), na qual a artista executa a transformação do que poderia ser um auto-retrato para uma máscara, passando, é claro, pela auto-representação (figura 1, anexo 1). Nesta obra, a artista representa-se inicialmente com o seu aspecto comum, e vai-se maquilhando, incluindo acessórios, até se transformar a fim de representar uma personagem.

Sherman realiza outras séries de fotografias em que ela própria assume vários papéis, por exemplo, o de actriz de filmes de série B em *Untitled film still* (1977-80), onde surge caracterizada com vários tipos de acessórios, representando vários estereótipos associados à mulher: dona de casa, prostituta, dançarina, actriz. Na série *History of Portraits* (1988-90) serve de modelo que reproduz situações de quadros famosos.

No entanto, Sherman confunde o espectador, ou seja, parece não ter a intenção de auto-retratar-se. As informações nos seus trabalhos não dizem nada sobre si e, em simultâneo, dizem demasiadas coisas, o que confunde a transmissão de uma mensagem. Não coloca títulos nas obras, numera-as apenas, despersonalizando as imagens.

1.1.3 As três dimensões: referente, *medium* e a representação final

Na concepção de uma obra de auto-retrato ou auto-representação podem ser consideradas pelos menos três dimensões: o referente, o *medium*, e a representação final.

Consideremos uma imagem, *still*, do filme *Frida* (2002) de Julie Taymor (figura 5, anexo1), no qual surgem em simultâneo as três dimensões: o referente - a artista Frida Kahlo, o *medium* - o espelho e, a representação final - a pintura *Self-Portrait with Cropped Hair* (1940).

Vimos atrás que o referente é o autor do auto-retrato ou da auto-representação. Este necessita quase sempre de um *medium* para tomar consciência da sua própria visualidade e depois a fazer figurar na representação final, pois “o auto-retrato é uma manifestação pictórica que recorre a um modelo que à nossa visão não é mais que um reflexo especular.” (Ramos, 2001: 105).

Para obter o reflexo é necessário um *medium*, aquilo que permite ver/perceber o referente. Por exemplo, no *still* referido o *medium* utilizado é o espelho, mas existem outros capazes de captar o “reflexo especular”, como a água, o vidro, ou meios tecnológicos, como a câmara fotográfica ou de vídeo.

A representação final é a solução formal e visual que resulta da relação entre referente e *medium*, podendo assumir vários tipos de materialidade, isto é, desenho, pintura, escultura, fotografia e vídeo.

As três dimensões estão correlacionadas, ou seja, o *medium* não teria função sem o referente, pois o reflexo percebido pelo médium não existiria sem o referente, assim nos diz o *Mito de Narciso* (Ovídio, séc.8 d.C.). A representação final não existiria sem as anteriores, e o fenómeno da percepção entre referente e médium não seria testemunhado sem esta.

Tal como na referida imagem, *still*, do filme *Frida* (2002), o referente, o *medium* e a representação final coincidem na concepção de um auto-retrato ou auto-representação, uma vez que o corpo/rosto/referente é sempre utilizado. Por exemplo, o artista português Jorge Molder usa o seu corpo como referente, com o qual faz moldes, resultando camadas de si como representação final; ou Cindy Sherman que usa o seu próprio corpo, no entanto de forma diferente: transforma-o através da caracterização com acessórios, em vez de o fazer através de desenho, pintura ou outro. O seu corpo é referente, é o suporte da caracterização – é o *medium* e é a

representação final do corpo transformado pela caracterização e representação (isto sem esquecer o uso da fotografia, porém podemos considerar a sua utilização como registo, em vez de *medium* ou representação final).

Na unidade didáctica os alunos utilizaram o desenho e pintura como representação final, mas puderam optar pelo *medium* que mais lhes agradou: a fotografia acabou por ser o mais utilizado.

1.2 Máscara Social: conjunto de personagens

No decorrer da unidade didáctica demonstrou-se que numa obra de auto-retrato ou auto-representação podem-se utilizar “máscaras”.

O auto-retrato pode ser julgado como uma forma de *narcisismo*, ao jeito do excesso da contemplação exagerada de si próprio, que acontece hoje em dia devido à chegada da fotografia digital.

No entanto, este fenómeno narcisista pode ser uma ferramenta para juntar o máximo de informações sobre nós próprios, de modo a chegar a uma identidade pessoal.

Ao reparar no nosso invólucro, o rosto e a totalidade do corpo, debruçamo-nos também no nosso íntimo e eis que constatamos que somos muitas coisas em simultâneo, podendo dizer que somos constituídos por um conjunto de coisas (imagens, ideias, pensamentos e outros) certamente infinito.

Vários autores, da literatura à arte, testemunham o fenómeno de sermos constituídos por conjuntos. Ponderemos os exemplos apresentados em seguida e o paralelismo que é estabelecido entre obra literária e obra plástica, a fim de reforçar a ideia de auto-retrato enquanto “conjunto”:

a. Conjunto de momentos:

a1. Uma unidade em si, mas uma unidade que se manifesta em cada instante como sendo total e com uma forma diferente. (Georg Simmel, 1916)

a2. Auto-retratos de Rembrandt (realizados ao longo da vida apresentando várias etapas da vida, estados de humor e status social).

b. Conjunto de imagens:

b1. Ver um corpo significa precisamente não apreender uma só visão: a própria vista aí se estende aí se espalha, não abarcando a totalidade dos aspectos.” (Nancy, 1992: 45).

b2. Auto-retratos de David Hockney. (Servem de exemplo os seus auto-retratos que se compõem de pormenores, ou seja, uma imagem composta de muitas imagens mais pequenas, funcionando como uma espécie de um puzzle).

c. Conjunto de personagens:

c1. Não temos uma cara mas um milhão delas. (Gombrich, 1982:106)

c2. Até agora, tinha pensado ser um homem na vida. Um homem, e pronto. Na vida. Como se em tudo fosse feito por mim. Mas como aquele corpo não o fizera eu, como não fora eu a dar a mim mesmo aquele nome e tinham sido outros a colocar-me na vida sem eu querer, também muitas outras coisas me tinham vindo de outros e sem eu querer; muitas coisas me tinham sido feitas e dadas por outros, coisas em que, efectivamente, nunca pensara, a que nunca dera uma imagem, essa imagem estranha, inimiga, com que agora me arremessavam. (Luigi Pirandello, 1934:52)

c3. Séries de fotografias de Cindy Sherman - *Untitled film still*, 1977-80. (Série onde a artista se transforma em várias personagens tipo da sociedade americana dos anos 70).

Os exemplos apresentados remetem-nos para a tomada de consciência daquilo a que Carl Jung chamou de *persona* (1953): uma espécie de rosto social que se apresenta ao mundo, a adaptação do comportamento, da expressão, ou a plasticidade de representar um papel social.

Devido às experiências de interação social, às expectativas que os outros têm do mundo e de nós, criamos uma identidade social e desempenhamos um dos papéis que a sociedade nos oferece, por exemplo, o tipo militar, desportivo, artístico, executivo, académico, entre outros. Ajustamo-nos a um tipo através da adequação da voz, vestuário ou gostos.

Construímos duplos feito à semelhança de expectativas que não são nossas mas dos outros e esperamos reconhecimento. Por exemplo, através da construção de

perfil na rede social *facebook*, moldamo-nos às expectativas dos outros, colocamos imagens, notícias ou comentários que fazem de nós outros (vários outros).

Concluindo, pretendeu-se chamar a atenção dos alunos para o facto de todos nós assumirmos máscaras sociais. Estas máscaras representam a possibilidade e a capacidade de cada um de nós poder representar um “conjunto” à escolha: de imagens, de expressões ou personagens.

1.2.1 Autor-actor e o disfarce-máscara

A frase célebre “O mundo é um palco e os homens são meros atores” de William Shakespeare, lembra-nos de que representamos papéis dentro de uma determinada sociedade.

Luigi Pirandello na sua obra literária *Um, Ninguém e Cem mil* (1934) refere que existe um Moscada (nome da personagem principal), diferente para cada pessoa que o conhece. Esta premissa é fácil de compreender se lembrarmos que cada um dos nossos amigos reconhece-nos de forma diferente e se lhes pedíssemos identificariam em nós características diferentes.

Portanto, acontece que todos representamos mesmo sem intenção de o fazer: assumimos papéis numa sociedade e somos pessoas/personagens diferentes em simultâneo.

Ao iniciar a realização de um auto-retrato deparamo-nos com este fenómeno, ou seja, com as personagens que representamos no dia a dia, os acessórios, a indumentária, a pose, o modo como cortamos o cabelo ou nos maquilhamos, ou seja, com as máscaras sociais que utilizamos.

Ao realizar um auto-retrato apercebemo-nos das máscaras sociais, da possibilidade de transformarmos a nossa imagem ou de representar personagens, mas também podemos partir para a auto-representação. Para a representação dos vários “eu”. Mas quais os propósitos destas atitudes? Provavelmente, para reflectir sobre os motivos pelos quais usamos as máscaras sociais (muitas das vezes de uma forma consciente), assim como reflectir sobre o que somos, o que poderíamos vir a ser e, sobre o que os outros julgam sermos, isto é, o modo como nos vêem.

Lembremos novamente os trabalhos de Jorge Molder e Cindy Sherman para tentar conhecer algumas razões da criação e utilização de máscaras.

Em *Pinocchio* (2006-2009) de Jorge Molder (série de fotografias de moldes em gesso do rosto do artista, figura 4, anexo 1), ou em *Untitled #479* (1975) de Cindy Sherman (série de fotografias onde a artista se vai transformando progressivamente, figura 1, anexo1), o objectivo não é dar a conhecer-se mas sim explorar as possibilidades da máscara.

Jorge Molder, na série referida, remete-nos para as máscaras que possuímos, ou seja, os modos diferentes como somos vistos por outros:

A própria máscara começa a fragmentar-se e a cair em pedaços. O “eu” que narra estas fotografias conta histórias sobre como, sob o olhar dos outros, vai envergando as suas personae, ou máscaras, pondo e tirando as suas várias naturezas. (Gerrit Confurius, 2009).

Todo o trabalho da artista Cindy Sherman explora as possibilidades do disfarce através da máscara. Ela é autora da sua própria transformação e da representação de outras personagens, é também a actriz da sua obra.

Para além do gosto pela ambiguidade da representação de personagens que representam outras personagens (papéis da mulher americana dos anos 70), Sherman refere que não sabe exactamente o que a impulsionou a realizar este tipo de trabalho artístico. Porém, refere que tentou sempre ter uma aparência diversificada e, como consequência, algumas das suas personagens parecem-se com ela própria, em diferentes períodos da sua vida (Sherman, 2009).

Molder e Shermam utilizam a máscara e as suas possibilidades: ocultar, revelar, suprimir, libertar.

1.2.2 As possibilidades da máscara física e social

A máscara pode ser assumida, por um lado, como uma concepção social, como foi referido anteriormente, pelo outro, como um objecto físico concreto: um artefacto aplicável ao rosto ou a todo o corpo, possível de ser construído por diversos materiais. Porém a “máscara objecto” é também um produto social.

A máscara enquanto objecto surge no antigo teatro grego para figurar aos espectadores a tragédia e a comédia. Existia uma para cada situação de expressão facial, condição social, raça e género. Por exemplo, as máscaras femininas eram brancas e as masculinas pretas.

Actualmente muitos povos continuam a utilizar máscaras com finalidades ditadas pela sociedade em que se inserem. Por exemplo, em tribos são utilizadas máscaras em rituais mágicos e de culto. Na cultura oriental assumem importância e seriedade maior do que na sociedade ocidental.

Na sociedade ocidental utiliza-se a máscara com um carácter lúdico, apesar de ainda existirem vestígios de máscaras outrora utilizadas com a finalidade do culto de fecundidade, como por exemplo os Caretos de Podence - Macedo de Cavaleiros. Também na festividade do Carnaval a máscara assume agora um carácter puramente lúdico.

A finalidade maior que a máscara possui na sociedade ocidental é a de poder ocultar, provocando o mistério. Por exemplo, músicos como os da banda Daft Punk que utilizam capacetes quando actuam, ou os super-heróis de Banda Desenhada e cinema, estes nunca revelam a sua identidade.

Para realizar um exercício de auto-retrato ou de auto-representação, podemos recorrer a máscaras e às suas possibilidades, referidas acima, oferecidas pelas diferentes sociedades.

A máscara oferece a possibilidade de ocultar a verdadeira identidade do eu. Esta atitude pode acontecer por livre opção, isto quando a pessoa, o autor torna-se actor e assume a personalidade de uma personagem, moldando o seu comportamento (como por exemplo o músico Elvis).

Em simultâneo a máscara oferece a possibilidade de libertar de convenções sociais que bloqueiam a verdadeira manifestação do eu. Por vezes moldamo-nos às expectativas dos outros e crescemos ao seu estilo até que ele nos molda o comportamento, o modo de andar e a expressão facial. Utilizando uma máscara podemos mudar esta tendência e transformamo-nos naquilo que sempre desejámos.

Como exemplo desta situação paradoxal, ocultar/libertar, lembremos a atitude tida por Sherman. A artista vestia-se e caracterizava-se para participar em eventos e, deste modo, sentia-se incógnita perante um público que a fazia sentir-se estranha (Sherman, 2009).

A máscara pode uniformizar ou nivelar. Dentro de grupos uniformizados como militares, pessoas de raça diferente da nossa, ou num grupo de pessoas de uma época distante, não conseguimos reparar nas características particulares da pessoa. Reparamos nas máscaras em primeiro lugar, antes de repararmos na pessoa e nas suas características pessoais (Gombrich, 1982).

A máscara fornece a possibilidade de diferenciar. Na sociedade em que nos inserimos reparamos no desvio à norma, na diferença. Damos atenção aos pormenores ou acessórios utilizados por personalidades ou ídolos, que preparam a sua imagem com uma linguagem da moda a fim de chamar a atenção, como por exemplo algumas das características do jogador de futebol Cristiano Ronaldo: os brincos de diamante ou o penteado.

A máscara revela sempre algo. Podemos lembrar a necessidade do uso de máscaras pelos super-heróis para revelarem os seus poderes. Par além dos poderes, da parte boa, a máscara pode servir para revelar tudo aquilo que se queira: revelar o preconceito, a falsidade das máscaras sociais (como faz Cindy Sherman) ou revelar características que sem ela são recalcadas.

1.2.3 A máscara enquanto espaço de representação

Pretendeu-se chamar a atenção dos alunos para o seguinte facto: a máscara enquanto objecto físico ou concepção social é sempre um “espaço de representação” onde se coloca aquilo que se quer, podendo mostrar, esconder, ou até sonhar, tal como fez Marc Chagall, no espaço de uma tela, em *Eu e a Aldeia* (1911).

Ao construir esta máscara/espaço de auto-representação, é necessário ter em conta a interferência de outros factores, para além do próprio referente, como por exemplo a influência da cor e da luz, os objectos que podem surgir e o espaço envolvente do corpo ou rosto.

A cor/luz é fonte de sentido e deve ser considerada na elaboração da máscara pois influencia a sua percepção. Essa influência pode derivar da utilização da cor/luz como percepção sensorial que interfere com os nossos sentidos e por conseguinte com o modo como percebemos as coisas, ou da cor/luz como interferência cultural, ou seja, da utilização dos significados atribuídos à cor por determinada cultura ou

sociedade. Deste modo a cor/luz pode ser utilizada para comunicar algo, como por exemplo um estado de espírito - *Feeling blue!* - ou uma emoção. Lembremos o famoso quadro *O grito* (1893) de E. Munch.

(Em relação à interferência da cor e da luz os alunos que realizam esta unidade didática, *Do Auto-Retrato à Máscara*, realizaram também, no ano lectivo anterior, outra unidade com o título *Sentido e Forma na Cor* que abordou as mesmas questões).

Para a concretização de uma máscara/auto-representação podem ser utilizados objectos. Os objectos podem servir para denunciar o tempo e o lugar a que se pertence, como acontece por exemplo nos auto-retratos de Frida Kahlo ou de Marc Chagall. De modos diferentes estes artistas representam-se acompanhados de elementos que os caracterizam: animais e indumentária, denunciando a sua cultura e proveniência.

Os objectos podem servir para transmitir uma mensagem, como fez Edvard Munch no seu último auto-retrato, *Auto-Retrato entre o Relógio e a Cama* (1940-42), no qual apresenta-se em pose entre um relógio, símbolo da passagem do tempo, e a cama, âmbito da dor e da doença.

O espaço envolvente de um retrato, auto-retrato deve entender-se por aquilo que pode circundar o rosto ou corpo do seu autor, ou qualquer elemento que possua maior destaque.

O espaço envolvente pode ser utilizado com diversas intenções, podendo estruturar-se de várias formas. Vejamos algumas.

O espaço envolvente pode ser usado como fundo. Muitos dos fundos dos retratos e auto-retratos mostram a figura a emergir de um fundo completamente negro num ambiente inquietante (por exemplo os auto-retratos de Rembrandt ou o ambiente dos quadros de W. Turner), ou de uma paisagem, ou seja, de espaços onde parecem não existir limites.

O espaço envolvente pode ser utilizado como espaço de abrigo, protecção conforto, símbolo de ninho, de casa (Gaston Bachelard, 1958).

Este espaço pode ser restrito à representação teatral como um espaço propositadamente montado, como os fundos das fotografias de Cindy Sherman (a artista tentava que fossem o mais misterioso possível e não identificável).

Pode ser “espaço da vitrina” (Almeida, 1996:85), espaço mínimo de exposição de assuntos e de objectos que aparecem representados como que ao alcance das mãos.

Pode-se tornar o espaço envolvente num “espaço caixa” (Almeida, 1996:86), um retraimento do espaço, que transforma o quadro em puro objecto, limitando maximamente a profundidade de campo.

Portanto, o trabalho final de auto-retrato e ou de auto-representação poderá conter elementos do rosto ou corpo, objectos, preocupações com a cor/luz, num determinado espaço envolvente.

Todos estes constituintes devem ser peças sincronizadas formando uma unidade, isto é, o espaço de representação, a tela ou a folha, a máscara! Uma obra/máscara que seja cúmplice da vivência, da presença, testemunha da individualidade.

2. UNIDADE DIDÁTICA: *DO AUTO-RETRATO À MÁSCARA*

Na primeira parte do relatório realizou-se a apresentação dos conceitos de auto-retrato, auto-representação e máscara, os quais constituem a base teórica da planificação da unidade didáctica *Do Auto-Retrato à Máscara*.

A segunda parte do relatório refere-se à unidade didáctica, onde é feito o seu enquadramento curricular e didáctico: a escola, a turma e a disciplina e, em seguida a sua descrição, planificação e reflexão.

2.1. Enquadramento Curricular e Didáctico

Na planificação de qualquer unidade didáctica deve-se ter em conta o contexto onde esta será posta em prática, uma vez que no processo de ensino-aprendizagem não existem métodos ou estratégias que sejam “chaves mestras” (Luciano Veiga, 2007).

O contexto da unidade didáctica *Do Auto-Retrato à Máscara* é apresentado através do enquadramento curricular e didáctico.

A unidade foi planificada e posta em prática na Escola Secundária Padre António Vieira em Alvalade, na disciplina de Desenho A do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, com a turma de 11º ano de Artes Visuais - 11ºAV1.

2.1.1 Escola Padre António Vieira

O Patrono da Escola Secundária Padre António Vieira é o Padre António Vieira (Lisboa 1608-1697), uma personagem fascinante do século XVII em termos de política e oratória. Jesuíta, pregador, missionário, cortesão e diplomata, destacou-se como missionário no Brasil, enfrentou a inquisição e defendeu judeus, povos indígenas e negros escravizados no Brasil. Para além do forte testemunho que foi a sua vida deixou ainda um obra literária notável.

A ESPAV foi fundada em 1965 e é um projecto do arquitecto Rui Athougua e, por conseguinte, uma marca da arquitectura modernista enquadrada por espaços verdes (figura 6, anexo 1). Inicialmente funcionou como um liceu masculino, passando posteriormente a ser uma escola secundária para ambos os sexos.

A ESPAV situa-se junto ao parque José gomes Ferreira na Mata de Alvalade, numa zona residencial não muito bem servida de transportes públicos.

Actualmente a ESPAV é a escola sede do Agrupamento de Escolas de Alvalade, resultado da fusão das Escolas Secundárias Padre António Vieira e da Cidade Universitária, em virtude da reorganização da rede escolar no ano 2003/2004.

O Agrupamento de Escola de Alvalade foi formado no ano lectivo de 2004/2005 e dele fazem parte a Escola Básica do 1º Ciclo n.º 101 e Jardim de Infância de Alvalade, a Escola Básica do 1º Ciclo n.º 111 de São João de Brito e a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Almirante Gago Coutinho.

O AEA abrange as freguesias de Alvalade e de São João de Brito, que apresentam elevada taxa de envelhecimento populacional e acentuada diminuição geográfica, pelo que, para além de receber alunos daquelas duas freguesias, recebe-os também de outras localidades, algumas das quais fora do Concelho de Lisboa.

No ano lectivo de 2010/2011 a ESPAV sofreu uma profunda remodelação, numa intervenção da Parque Escolar, na qual foi construído um novo bloco com laboratórios e salas específicas. O antigo edifício e os jardins foram renovados, o lago foi recuperado e os equipamentos técnicos e informáticos foram modernizados.

Nas novas instalações destacam-se dois edifícios: o bloco de origem, com três pisos, e o novo bloco (implantado em terreno adjacente, pertencente à escola), também com três pisos, os quais estão ligados por duas passagens superiores. Os espaços de circulação são amplos e adequados a indivíduos com mobilidade reduzida, por meio de rampas ou elevadores.

O edifício da ESPAV de origem integra as seguintes zonas: Zona Administrativa – que inclui os gabinetes da Direcção, do Presidente do Conselho Geral e da Associação de Pais, bem como espaços de trabalho e atendimento para os Directores de Turma; Zona de Docentes – zona destinada ao trabalho dos professores, equipada com material informático; Zona de apoios – Área destinada ao Serviço de Educação Especial e Serviços de Psicologia e Orientação; e a Zona de salas de aula – As salas de aula, climatizadas, que se distribuem por 3 pisos. Estão dotadas de equipamentos diversificados e adaptados às novas tecnologias. Têm valências diferentes, uma vez que 1/3 das salas tem quadro interactivo e as restantes têm apenas sistema de projecção. A Zona da biblioteca, área em *openspace* com cerca de 300 m², integra: zona multimédia, espaço de exposições e leitura informal e zona de consulta e trabalho; a Zona de Educação Física e Desporto conta com dois ginásios interiores, um deles com características polivalentes; três espaços exteriores, um dos quais é coberto; balneários com espaço para receber até cerca de 100 alunos; e gabinetes de professores com respectivo balneário e arrecadação de materiais específicos.

O novo edifício comporta as seguintes áreas: Zona social e de serviços de apoio – salas de professores e Associação de Estudantes, bar, reprografia, cozinha, refeitório e esplanada coberta; e a Zona de salas específicas – Laboratórios de Física, Química, Biologia, Geologia, Multimédia e Expressões. Em articulação com estas salas, existem zonas de arrumação para apoio às diferentes áreas disciplinares.

No novo edifício situa-se a Zona de convívio, o Auditório que possui lotação para 200 pessoas, equipado com bancadas retrácteis e equipamento multimédia, e ainda o Centro de Formação Professor João Soares, com gabinetes e salas de formação (Plano Educativo da ESPAV).

O Centro de Formação Professor João Soares, CFPJS, sediado nesta escola, desenvolve formação ajustada às necessidades do pessoal docente e não docente dos dezassete Agrupamentos e Escolas associadas, dando resposta aos seus percursos de formação pessoal e profissional, numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida.

A ESPAV possui uma série de protocolos e parcerias com várias entidades, entre elas: a Câmara Municipal de Lisboa, a Junta de Freguesia de S. João de Brito, o Centro de Saúde de Alvalade, a Escola Segura, o Centro Social e Paroquial do Campo Grande, a Associação Conversas de Rua, a Fundação Uría, a Faculdade de

Ciências da Universidade de Lisboa e a Rede de Bibliotecas Escolares.

A ESPAV tem muitas parcerias estabelecidas no âmbito das Formações em Contexto de Trabalho (estágios) dos cursos CEF (cursos de educação e formação) e Profissionais. Esta extensa lista de parceiros pode ser consultada no site da escola e abrange empresas e instituições que prestam serviços nas áreas da Informática, das Artes e do Apoio/Animação Social.

A população escolar do Agrupamento de Escolas de Alvalade, dimensionada de início em cerca de 700 alunos, tem variado bastante ao longo dos anos, com um máximo de 2000 alunos nos anos 80/90, baixando em finais de 90 para cerca de 500. Actualmente é composta por 1119 crianças e adultos, frequentando a educação pré-escolar 46 crianças (2 grupos), 593 alunos no 1.º ciclo (25 turmas) e 253 no 3.ª ciclo (11 turmas), sendo 10,2 % dos alunos oriundos de países estrangeiros com 18 nacionalidades diferentes.

A ESPAV conta com 912 alunos sendo 23% do Ensino Básico (10 turmas), 3% de CEF (2 turmas), 59% do Ensino Secundário (25 turmas) e 15% dos Cursos Profissionais (9 turmas), num total de 46 turmas. No quadro 1 do anexo 2 pode observar-se a organização dos alunos por ano e curso.

Dos dados da população discente destacam-se os seguintes aspectos: a predominância feminina na população estudantil (53%); a maioria dos alunos encontra-se dentro dos escalões etários normalmente correspondentes ao ano de escolaridade que frequentam, excepto nas turmas de CEF e Cursos Profissionais; os alunos da ESPAV são provenientes de zonas muito diversificadas, de Lisboa e da periferia, optando, muitos deles, por ingressar nesta escola em função da proximidade aos locais de trabalho dos pais/EE; e no 3 ciclo a maioria dos alunos são oriundos das escolas EB 2/3 Eugénio dos Santos e EB 2/3 Luís de Camões.

Tem-se vindo a observar que a ESPAV é frequentemente a segunda ou terceira opção de muitos destes alunos. Este facto, por vezes, pode criar uma maior resistência às regras, estratégias e metodologias da ESPAV, o que representa um obstáculo ao seu melhor desempenho. Quanto aos alunos que ingressaram no 10º ano, provêm de uma grande diversidade de escolas (cerca de 40 diferentes), sendo as mais representativas a ESPAV e as EB 2/3 Eugénio dos Santos, Alto do Moinho, Pintor Almada Negreiros, Damião de Góis, da Bobadela e Lindley Cintra.

Segundo os dados do perfil da Escola, disponibilizados pelo gabinete Coordenador de Informação do Ministério da Educação (MISI), 39, 7% dos alunos beneficiam de auxílios económicos, no âmbito da Acção Social Escolar (22,6% com escalão A, 17,1% com escalão B) no entanto está abaixo da media nacional (52,9%).

Quanto às habilitações dos pais e encarregados de educação: 19,7% são desconhecidas e predomina a escolaridade básica (43,7% com 9º ano, 19,8% com o secundário, e 16,8% com habilitação superior. Em relação às ocupações profissionais, 23% são desconhecidas, a maioria relaciona-se com serviços directos e particulares, de protecção e segurança (11,7%), os restantes são trabalhadores não qualificados dos serviços de comércio (11,2%) e empregados de escritório (Avaliação Externa das Escolas, Relatório de Escola, Agrupamento de Escolas de Alvalade. Inspeção-geral da Educação, 2010).

O corpo docente da ESPAV é constituído por 146 professores que pertencem, na sua maioria, ao quadro de escola (78%). A maioria possui uma licenciatura (98%), 10% possuem mestrados ou pós-graduações, distribuídos por várias especialidades. Predominam os indivíduos do sexo feminino, 75%, e a faixa etária mais representada situa-se entre os cinquenta e os sessenta anos, 46%. Os docentes distribuem-se pelos vários Departamentos e Grupos curriculares de acordo com o quadro 2 do anexo 2.

O Pessoal Não Docente divide-se entre Assistentes Técnicos e Assistentes Operacionais (10 + 31).

2.1.2 Disciplina de Desenho A

Desenho A é a disciplina nuclear do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais da ESPAV e é palco para o desenvolvimento da unidade didáctica *Do Auto-Retrato à Máscara*.

A turma 11º ano de Artes Visuais têm actualmente 2 blocos da disciplina Desenho A por semana: à segunda-feira, das 8 e 15 às 11 e 45 h e à quinta-feira, das 14 e 25 às 16 e 45. Esta disciplina é leccionada pela professora Elisa Mendonça que é actualmente a directora de turma destes alunos.

As aulas de Desenho A decorreram na sala específica para as disciplinas deste curso, situada no 1º piso do novo edifício. Esta sala está equipada de estiradores e bancos extensíveis, quadro interactivo e computador. Existem armários para arrumar trabalhos e um armário da turma onde são guardadas as capas e material dos alunos e dos professores. Neste armário a professora Elisa Mendonça tem à disposição livros sobre arte que os alunos consultam frequentemente e algum material para as eventualidades. A sala tem um lavatório e uma mesa de luz, tem grandes áreas nas paredes preparadas para expor trabalhos, e tem grandes janelas que permitem muita entrada de luz. É uma sala bastante agradável!

A unidade didáctica em questão foi planificada no seguimento da explicitação dos conteúdos programáticos da disciplina de Desenho A. Deste modo, propõe-se aprofundar o conteúdo Procedimentos (3) do programa de Desenho A de 11º ano, mais concretamente relativo ao ponto Ensaio: Processos de Análise e Processos de Síntese. Nos Processos de Análise incide-se no Estudo de Formas: naturais, artificiais, objectos, contextos, ambientes, espaços interiores, exteriores e o estudo do corpo humano. Nos Processos de Síntese, aborda-se a transformação gráfica (repetição, alternância, rotação, sobreposição, nivelamento por simplificação ou acentuação), a transformação infográfica (utilização de filtros, máscaras e articulação palavra/imagem) e a invenção (construção de texturas, objectos e ambientes).

A unidade didáctica pretende também sensibilizar relativamente a todos os outros grupos de conteúdos: Visão, Materiais e Sintaxe. Pois durante a concretização das actividades envolvidas nesta unidade didáctica é essencial o papel dos órgãos sensoriais e a interpretação de informação, o recurso a diversos suportes, meios actuantes e meios infográficos (recurso à fotografia, ao vídeo, à fotomontagem).

Para o desenvolvimento desta unidade didáctica contribuiu a unidade realizada no ano lectivo anterior com a mesma turma (10º AV1) intitulada *A Forma e o Sentido na Cor*, onde foram abordados conteúdos homónimos e realizados exercícios de relacionamentos entre os mesmos. Portanto, pretendeu-se nesta unidade que fosse tido em conta a utilidade da cor, a utilização da cor na sociedade e a sua influência nos sentidos e sentimentos.

Para a avaliação da disciplina de Desenho A são considerados os seguintes critérios específicos de avaliação, sempre que aplicáveis aos diferentes itens e

actividades, objecto de avaliação no âmbito da disciplina: Conhecimentos/ Compreensão; Originalidade/ Criatividade; Planeamento/ Organização; Participação/ Autonomia; Trabalho em equipa; Conduta; Superação de dificuldades; Capacidades/ Competências; Linguagem e Comunicação; Técnica/ Rigor.

Consideram-se como Itens de avaliação e ponderação no apuramento da classificação final: Atitudes e comportamentos (5%); Portefólio: pesquisas, esboços diário gráfico (20%); Trabalhos práticos em sala de aula – trabalhos práticos, provas práticas em tempo limitado (55%); Relatórios e trabalhos escritos (10%); Apresentações (10%).

Os critérios aplicáveis em cada item de avaliação estão descritos no quadro 3 do anexo 2, retirado do documento aprovado em reunião do Departamento de Artes a 12 de Setembro de 2013: Critérios específicos de avaliação em Desenho A.

2.1.3 Turma 11ºAV1

Na ESPAV existe apenas uma turma de 11º ano do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, a turma 11ºAV1 com a qual foi desenvolvida a unidade didáctica *Do Auto-Retrato à Máscara*.

A caracterização da turma apresentada em seguida é feita com base em inquéritos realizados na ESPAV para diversos fins.

A turma 11ºAV1 é composta por 31 alunos, mas destes apenas 20 frequentam a disciplina de Desenho A. A maioria dos alunos são do sexo feminino, 16 raparigas e 6 rapazes e a média de idades é de 16 anos.

Quanto ao percurso escolar realizado pelos alunos da turma, a maioria frequentou o ensino pré-escolar e entrou com a idade suposta para a escola do 1º ciclo do ensino básico. Metade dos alunos mudou várias vezes de escola. Existem 7 alunos com retenções em anos anteriores e 2 alunos encontram-se a fazer melhoria de notas no presente ano lectivo.

No que concerne à proveniência geográfica, a totalidade dos alunos reside fora da zona de Alvalade.

Dos 20 alunos, 15 são de nacionalidade portuguesa e 7 nasceram no estrangeiro, todos em Angola. Existem 10 mães e 13 pais que não são de nacionalidade portuguesa.

A maioria dos alunos vive com os dois pais ou com um deles. A profissão dos pais enquadra-se, na sua maioria, na classificação de trabalhadores dependentes não qualificados, entre elas: funcionários públicos, domésticas e pedreiros. Existem também pais com profissões de quadros superiores, como políticos, professores e enfermeiros.

Relativamente às condições tidas no local de residência destaca-se o seguinte: a maioria dos alunos dispõe de local (normalmente o quarto) e meios para estudar (computador, internet, livros); metade dos alunos não tem obras de literatura, nem figuras de arte em casa; todos os alunos têm 3 ou mais telemóveis e televisores em casa; a maioria dos alunos tem menos de 20 livros em casa e não tem o hábito de ler.

Em relação aos hábitos de estudo, os alunos referem que estudam às vezes, não frequentam aulas de apoio nem a sala de estudo e não utilizam a internet ou o computador com finalidade de estudar ou fazer pesquisas para trabalhos escolares.

Sobre a opinião dos alunos em relação à escola, estes reconhecem-lhe alguma importância e afirmam ter uma boa relação com os professores, apesar de não considerarem que os mesmos estejam disponíveis para os ajudar.

A turma 11º AV1 apresenta bom comportamento e relacionamento com os professores a nível geral. Quanto ao aproveitamento da turma não é tão favorável. A maioria dos alunos têm várias avaliações negativas e os alunos apresentam atitudes de desinteresse (não realizam trabalhos de casa), desmotivação e abstinência às aulas.

No entanto, na disciplina de Desenho A a situação é ligeiramente diferente. Os alunos demonstram interesse e, salvo algumas situações pontuais, frequentam a totalidade destas aulas.

Os professores apontam como maiores problemas da turma a falta de hábitos e métodos de trabalho e estudo, que resultam no desinteresse pelas disciplinas e pela escola.

2.2. A unidade didáctica: *Do Auto-Retrato à Máscara*

A unidade didáctica *Do Auto-Retrato à Máscara* foi planificada e posta em prática na disciplina de Desenho A e com turma de 11º ano de Artes Visuais da ESPAV. No entanto, a unidade de trabalho ambiciona estender a sua influência para além da disciplina, de modo que os alunos a entendam como um projecto abrangente que reúna interesses pessoais e escolares.

A escolha do tema para a unidade didáctica prende-se com o enquadramento das actividades anteriores e com a necessidade de abordagem dos conteúdos do programa de 11º ano da disciplina de Desenho A.

A unidade didáctica surge em sequência dos exercícios e trabalhos realizados anteriormente na mesma disciplina e pela mesma turma e em especial o exercício *O Sentido e a Forma na Cor* (unidade didáctica realizada no ano lectivo anterior com a mesma turma no estágio de Introdução à Prática Pedagógica II, onde se realizou um estudo do sentido cultural e sensorial contido na cor) e os estudos das proporções do rosto e do corpo humano realizados no 1º período do presente ano lectivo (podemos ver exemplos de ambos através das figuras 7 e 8, anexo 1).

A planificação desta unidade didáctica deve-se também a necessidade de ultrapassar as condições adversas que parecem estar a instalar-se no quotidiano da escola: aumento da indisciplina, absentismo e desmotivação para tarefas escolares; do lado dos professores, a crescente sensação de que "eles", os alunos, não estão dispostos a "aprender".

Os alunos demandam escolas fora dos seus bairros porque eles, ou as suas famílias, consideram que, em alternativa às escolas locais, chegar a uma escola da cidade poderá proporcionar uma formação capaz de os promover socialmente.

No entanto, aí chegados, desenvolvem o que Paul Willis (1991) designa de resistência à cultura escolar. Assumem uma postura típica de jovens oriundos das classes operárias: contestam o saber e a autoridade do professor e as regras da escola; desvalorizam as tarefas intelectuais, a leitura e do estudo; e desenvolvem um comportamento jocoso e desafiante face à autoridade dos professores.

Acresce uma outra resistência que deriva de uma auto-imagem construída pelos jovens enquanto consumidores de objectos, de moda e tecnologia: esta nova

vaga de alunos, para além de desdenhar o saber académico, valoriza a experiência vivenciada, o imediato, o centro comercial, o telemóvel.

A opção pelas artes parece revelar que, ano após ano, a escolha já não deriva da "vocação" mas resulta da fuga a fuga a outros campos.

Dito isto, o desafio de ensinar Artes, passa pela necessidade de motivar os alunos para a aprendizagem e para uma cultura de participação na escola.

2.2.1 *Do Auto-Retrato à Máscara: Objectivos, Conteúdos e Estratégias de ensino*

A unidade didáctica *Do Auto Retrato à Máscara* veio propor aos alunos da turma 11ºAV1 um conjunto de exercícios de auto-representação, procurando atingir quatro objectivos principais.

O primeiro consiste em desenvolver a cultura artística dos alunos, isto é, desenvolver os conhecimentos acerca das abordagens e soluções apresentadas por diferentes artistas, entender a contextualização económica, social e política da obra, entender o processo criativo e a adequação à técnica utilizada, assim como reconhecer nas obras a aplicação dos conteúdos da disciplina de Desenho.

O segundo objectivo prevê o desenvolvimento da auto-estima, da promoção do auto-conceito e do estudo e busca de conhecimento sobre si próprio, através do exercício *Do Auto-Retrato à máscara*, exercício de auto-retrato, auto-representação e máscara.

O terceiro objectivo relaciona-se com a abordagem e aplicação dos conteúdos previstos para o 11º anos do programa em vigor de Desenho A para o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais: Procedimentos (3) – Ensaios, Processos de Análise e Processos de Síntese.

O quarto objectivo consiste no desenvolvimento das aptidões técnicas, onde se pretende aumentar o conhecimento e domínio de técnicas, meios, materiais e a adequação entre eles.

Para alcançar os objectivos propostos a unidade didáctica compôs-se das seguintes partes: motivação inicial e contínua; explanação de conteúdos; análise de obras (exemplos); e exercícios práticos. Estas partes são móveis, isto é, não seguem uma ordem fixa, isto é, por exemplo, a fase de motivação e a de explanação de

conteúdos foram intervaladas por períodos em que se realizam exercícios práticos; ou a fase de análise de obras que foi efectuada as vezes necessárias a fim de reforçar uma ideia ou ajudar um aluno em algum aspecto. Contudo, descrevem-se em seguida estas fases de forma mais detalhada.

Para a fase de motivação inicial foi exibido o filme *Frida* (2002) de Julie Taymor. Um filme sobre a vida e obra da pintora mexicana Frida Kahlo (1907-1954). A escolha deste filme deve-se ao facto do mesmo ser um testemunho onde é notório a influência da vida da artista na sua própria obra. No filme é possível perceber como os quadros de Frida Kahlo e também os murais de Diego Rivera, espelham acontecimentos e sentimentos, assim como fazem entender as referências culturais e temporais neles contidas, demonstrando que a obra de um artista é em grande parte um auto-retrato e uma auto-representação.

Após um diálogo com os alunos acerca do filme *Frida* (2002) procedeu-se à análise dos conceitos de Retrato e Auto-retrato através da apresentação *O Retrato e o Auto-retrato: evolução histórica e conceptual* (apresentação 1 do anexo 4). Realizou-se uma análise morfológica dos termos, destacando o prefixo *auto* e apresentou-se uma breve evolução histórica e conceptual dos mesmos (da forma apresentada no ponto 1.1 *Retrato e auto-retrato: evolução histórica e conceptual*, do relatório).

A evolução histórica e conceptual dos conceitos fez-se através da análise de obras de arte ao longo da história, desde o “mito da sombra” e os retratos fúnebres egípcios *Al Fayum*, à variedade de auto-retratos a partir do séc. XX. Decompôs-se obras plásticas, auto-retratos e auto-representações, em aspectos formais (meios e técnicas) e de conteúdo.

No seguimento da análise da evolução do auto-retrato a vários níveis, foram introduzidos os conteúdos da disciplina de Desenho A, relativos a Procedimentos, Ensaios, Processos de Análise e Processos de Síntese, através da análise destes conteúdos em obras de arte e imagens de publicidade. Deu-se ênfase aos princípios de transformação gráfica - Processos de Síntese, para que os alunos dessem início a realização exercícios práticos (apresentação 2, anexo 4).

A realização de exercícios sobre os princípios de transformação gráfica (repetição, alternância, rotação, sobreposição, positivo/negativo, nivelamento por simplificação e por acentuação) teve como tema o próprio aluno, o Eu. Os alunos poderiam utilizar como referente o seu próprio corpo, rosto ou mãos, ou objectos que

o caracterizassem de algum modo e, desta forma, iniciou-se a investigação para a elaboração de um trabalho final de auto-retrato ou auto-representação.

Com a apresentação *Do Auto-Retrato à Máscara passando pela Auto-representação* (apresentação 3, anexo 4) introduzem-se os restantes conceitos da unidade: o conceito de máscara.

Realizou-se uma sessão fotográfica com os alunos, inspirada no trabalho da artista Cindy Sherman sobre a representação (mais concretamente a obra *Untitled #479*, figura 1 do anexo 1). Durante a sessão os alunos foram sendo caracterizados com acessórios e maquilhagem, ou fazendo uso das expressões faciais (figura 9, anexo 1). As fotografias resultantes serviram para a continuação dos exercícios sobre os princípios de transformação gráfica (figuras 10 e 11, anexo 1).

Para além dos exercícios realizados em aula foi proposto aos alunos o desafio de realizarem exercícios no seu diário gráfico geralmente sobre um tema à escolha mas com a aplicação do princípio de transformação gráfica abordado na respectiva semana.

Funcionaram como estratégias de motivação a exposição de trabalhos nos placards da sala de aula (figura 12, anexo 1) e a intenção de realização de uma exposição final de trabalhos.

A avaliação feita aos alunos, durante esta unidade didáctica, teve carácter contínuo e prendeu-se com o maior ou menor grau de cumprimentos dos objectivos estipulados para cada aula e, numa avaliação formativa, ou seja, avalia-se a capacidade de conclusão de exercícios assim como a sua qualidade técnica e conceptual.

Devido ao acompanhamento individualizado, realizado durante as aulas de Desenho, o professor tem um fácil acesso às capacidades e à evolução destas, à aplicação de conhecimentos adquiridos, assim como às dificuldades dos seus alunos, não existindo, por este motivo, necessidade de realização de fichas formativas.

Para a avaliação quantitativa dos alunos foram considerados os critérios específicos de avaliação da disciplina, assim como os itens e a sua respectiva ponderação definida em documento próprio no quadro 3 do anexo 2.

2.2.2 Planificação

A unidade didáctica *Do Auto-Retrato à Máscara* foi planificada para a duração mínima de 20 aulas de Desenho A. Em seguida são apresentados, de uma forma breve, os procedimentos decorridos nessas aulas. Em anexo podem ser consultadas as grelhas de planificação por aula (anexo 3) assim como os resultados dos alunos (anexo 5).

Aula 1

Sumário: A obra de arte como espelho do artista: reflexos políticos e sociais.

Visualização do filme *Frida* (2002) de Julie Taymor.

Nas primeiras aulas pretendeu-se captar a atenção e motivar os alunos para as tarefas que seriam propostas durante o decorrer da unidade didáctica.

Dinamizou-se um diálogo com os alunos a fim de explicar o enquadramento da unidade didáctica no programa da disciplina de Desenho A (estudo de formas e a sua transformação) e explicar o seu tema referindo, por um lado, a necessidade da realização de exercícios sobre auto-retrato e auto-representação e, por outro, o desafio que representam este tipo de exercícios.

Após um enquadramento político e social procedeu-se à visualização do filme *Frida* (2002) de Julie Taymor. A escolha do filme sobre a vida e obra da pintora Frida Kahlo deve-se às intenções de demonstrar que qualquer obra “espelha o artista”, isto é, qualquer obra é um espaço onde o artista coloca sentimentos e referências sobre si, assim como evidenciar que a obra pode e deve aproximar o espectador do artista, ou seja, o espectador deve ser capaz de reconhecer-se nela (no sentido de reconhecer algo familiar ou algo que consiga compreender).

Através do filme salientam-se as dimensões a ter em conta na realização de um auto-retrato ou numa obra de auto-representação: o referente, o artista, pois sem nós próprios não há reflexo/imagem; o *médium*, meio através do qual se percebe o referente; e a representação final (utilizando por exemplo o *still* do filme *Frida*, figura 3, anexo 1, no qual podemos ver todas estas dimensões em simultâneo no mesmo plano).

Aula 2

Sumário: Retrato e Auto-retrato: evolução histórica e conceptual.

Nesta aula procedeu-se à apresentação *Retrato e Auto-retrato: evolução histórica e conceptual* (apresentação 3, anexo 4) com os objectivos de esclarecer as origens e motivos do surgir destes conceitos, explicar a ligação entre os mesmos e demonstrar a sua evolução em termos formais, técnicos e conceptuais.

Propôs-se um entendimento do exercício de auto-retrato como uma experiência de consciência de si próprio, no qual é possível:

- Confrontar aquilo que julgamos ser com aquilo o que vemos;
- Traduzir a realidade interior e exterior plasticamente, ou seja, ir ao encontro com a identidade própria através de formas plásticas;
- Representar uma presença real e natural, a sua, num mundo efémero e subjectivo;
- Mostrar a sua existência enquanto indivíduo que vive num determinando espaço e tempo.

Com a demonstração da evolução do auto-retrato explicou-se que a perda de realismo em termos de semelhança na produção desse exercício deve-se à mudança de objectivos do mesmo. O auto-retrato como propaganda de habilidades do artista evolui para a investigação sobre a própria individualidade do artista.

Por conseguinte foi explicado aos alunos que deveriam utilizar o realismo não em termos de semelhança mas um realismo que se refira a tornar a imagem mais dependente de nós próprios, da nossa mão e da nossa imaginação sem a preocupação do belo, evitando o perigo do auto-retrato ser apenas um processo mecânico de ver e representar, afastado da intimidade (Ramos, 2006).

Posto isto, aos alunos foi proposto que fizessem uma reflexão sobre si próprios.

Aula 3 e 4

Sumário: Princípios de transformação gráfica. Início da realização de exercícios sobre os princípios de repetição e alternância.

Foram apresentados os conteúdos de transformação gráfica (apresentação 2 do anexo 4), começando pelos considerados mais simples: repetição e alternância. Serviram de exemplos obras de arte e de publicidade, como o *Auto-retrato* (1966) de Andy Warhol e a campanha de poupança do banco BES - *Poupe com os Piggy Pops* (figuras 13 e 17, anexo 1). Exemplos nos quais se repetem imagens em padrão e se alternam as cores.

Para iniciar os trabalhos e como forma de desbloquear foi dito aos alunos que poderiam utilizar os seus objectos pessoais que de alguma forma os caracterizam. Acessórios como brincos, chapéus, telemóvel, *headphones*, ou outros, podiam ser utilizados ou então poderiam recorrer ao desenho das suas mãos, ou qualquer componente do rosto (nariz, boca, olhos, orelhas). Deste modo surgiram trabalhos com a utilização da linha de contorno das mãos e de objectos (figuras 15 e 16, anexo 1).

Aula 5

Sumário: A transformação “do retrato à máscara”: representação e auto-representação; caracterização das personagens; sessão fotográfica.

Princípios de transformação gráfica: repetição e alternância.

Após algumas aulas, nas quais se realizou acompanhamento individual aos alunos, faz-se uma nova apresentação de conceitos: *Do auto-retrato à Máscara passando pela Auto-representação* (apresentação 3, anexo 4).

Os conceitos de auto-representação e máscara foram apresentados devido à possibilidade de transformação que permitem: transformação de si próprio ou possibilidade de metamorfose. Demonstrou-se aos alunos, através de exemplos, as seguintes possibilidades do exercício de auto-representação e máscara:

- Ser actor e espectador de si próprio (ex: figuras 2 e 3, *stills* do filme *Dorian Gray*, e apresentação 3, anexo 4);
- Representar personagens - papéis sociais, personalidades, famosos, ídolos

(ex: *If only for a second*, um vídeo no qual um grupo de doentes de cancro são caracterizados por profissionais com o olhos vendados, apresentação 3, anexo 4);

- Ocultar/omitir coisas, esconder medos (ex: ilustração de Alicia Baladan, na qual uma personagem tapa o rosto com uma máscara para enfrentar os seus medos, apresentação 3, anexo 4);

- Mostrar/dar coragem para fazer algo (ex: imagem comercial da banda Daft Punk, apresentação 3, anexo 4).

Deste modo pretendeu-se que os alunos realizassem investigação sobre si próprios, considerando a visualidade do seu corpo e rosto e o que há para além desta, de modo a revelarem plasticamente, recorrendo à imaginação, intuição e tornando visível aquilo que desejassem.

Desta investigação esperou-se que alunos encontrassem características constantes na sua própria representação que marquem a sua identidade por mais que mudem, variem ou transformem a imagem do seu rosto ou corpo.

Sugeriu-se que os alunos considerassem os exercícios de transformação gráfica como possibilidade de construir uma espécie de máscara, por forma a fugir à sua imagem banal, da qual não se podem libertar assim como Narciso não se libertou do seu próprio reflexo (apresentação 3, anexo 4).

São apresentadas formas e meios diversos para realizar trabalhos de auto-representação ou máscara recorrendo a exemplos existentes na arte, na publicidade, ou noutras imagens do quotidiano (conforme o descrito acima no ponto 1.1.2 *Abordagens plásticas: métodos e técnicas, exemplos*; na figura 2 do anexo 1; e na apresentação 3 do anexo 4).

Das várias obras apresentadas como exemplos destacaram-se alguns artistas e os seus respectivos trabalhos, como Gustave Coubert e a obra *O Desesperado* (1843), sobre representação de estados de espírito, ou Cindy Sherman e as suas séries *Untitled film still* (1977-1980) e *History of Portraits* (1988-90) sobre a reapresentação de personagens, caracterização e criação de cenários.

O método destes e outros artistas serviram de inspiração para utilizar a fotografia. Mais concretamente a de realizar uma sessão fotográfica. Deste modo, recorreu-se à estratégia de realização de uma sessão fotográfica com os alunos, o que ofereceu uma dinâmica diferente à aula e envolveu os alunos com os exercícios de transformação da sua própria imagem.

Durante a sessão os alunos foram fotografados antes e após a caracterização. Surgiram resultados inspirados no exemplos referidos, como uma aluna que explora de uma forma extensa as suas expressões faciais ao modo de Gustave Coubert (figura 17 e 18, anexo 1).

Aulas 6 a 11

Sumário: Continuação da sessão fotográfica. Continuação dos exercícios sobre transformação gráfica: rotação, positivo/negativo, sobreposição, transformação.

A sessão fotográfica continuou por mais três aulas (da 6ª à 8ª aula) nas quais os alunos foram demonstrando interesse crescente pela actividade, trazendo acessórios e indumentárias para se caracterizarem (figuras 19 e 20, anexo 1) e pedindo para serem fotografados.

Em simultâneo os conceitos de transformação gráfica foram sendo apresentados aos longo das aulas, com a seguinte ordem: repetição, alternância, rotação, positivo/negativo, sobreposição, transformação, e nivelamento por simplificação e acentuação (figuras 35 a 51, anexo 5)

Desta forma os alunos puderam prosseguir com os exercícios ao seu ritmo, tendo noção da evolução técnica e conceptual exigida.

Durante estas aulas os alunos realizam exercícios de transformação gráfica tendo como referentes objectos (naturais e artificiais) que façam parte do seu quotidiano e que de alguma forma se revejam neles. Estudaram esses objectos, fizeram registos e exploram as potencialidades das suas forma, cores e texturas (figura 21, anexo1).

Após terem utilizado objectos como referentes prosseguiram para o desenho do próprio rosto, utilizando as suas fotografias resultantes da sessão fotográfica.

Durante a aplicação de princípios de transformação gráfica e exploração dos conceitos de auto-retrato, auto-representação e máscara foram usados vários materiais e técnicas. Desde riscadores, como lápis de grafite, lápis de cor, canetas de feltro, pastéis de óleo, a tinta da china, guache ou aguarela.

Durante a aplicação dos princípios de transformação gráfica os alunos foram

apercebendo-se das suas possibilidades de oferecer novas imagens e ideias para um trabalho de auto-retrato ou auto-representação.

Aulas 12 a 15

Sumário: Continuação dos exercícios de transformação gráfica: transformação e nivelamento (por simplificação e acentuação).

Nestas aulas os conceitos (auto-retrato, auto-representação e máscara) e os princípios de transformação gráfica foram sendo trabalhados pelos alunos, com tempo suficiente para haver maturação de ideias para uma obra final.

Os alunos começam por fazer experiências no sentido de: utilizar vários princípios de transformação gráfica em simultâneo tomando partido dos seus resultados; a misturar os desenhos de objectos e do rosto; e a utilizar a cor com simbolismo. Como são exemplos o desenho de uma mão que se repete e transforma, o desenho de um rosto em que o princípio de alternância é reforçado pelo de positivo/negativo, ou o desenho de um rosto envolto num pano desenhado com os princípios de positivo/negativo e simetria (figuras 22, 23 e 24 anexo 1).

Aos estudos de formas foi ainda adicionada a transformação “Infográfica”: utilização de filtros, articulação palavra/imagem, quando o aluno sentiu necessidade de utilizar texto, palavras ou letras associadas à imagem para transmitir uma mensagem ou sentimento. Serve como exemplo para esta situação o exercício do princípio de rotação, em que um rosto risonho é acompanhado de onomatopeias a fim de reforçar um estado emocional (figura 25, anexo 1).

Aula 16 e 17

Sumário: Execução de projectos para a obra final de auto-representação e máscara.

Depois de terminarem todos os exercícios de transformação gráfica os alunos desenvolveram ideias para uma solução plástica de um auto-retrato, uma auto-representação ou uma máscara.

Com a orientação das professoras e com as experiências tidas em todos os

exercícios de transformação gráfica, feitos anteriormente, os alunos encontraram a solução formal e técnica mais adequada para o seu trabalho final.

A obra final foi realizada num formato maior que o habitual, o A2, em papel de cavalete estrangeiro 200gr.

Cada trabalho final teve um percurso e resultado diferente, alguns alunos aproveitaram ideias que surgiram no decorrer da aplicação dos princípios de transformação gráfica (figuras 55 a 58, anexo 5), outros optaram por soluções diferentes (figuras 59 e 60, anexo 5).

Aulas 18 a 20

Sumário: Concretização e finalização da obra final de auto-representação.

Montagem da exposição “ A minha arte é ser eu” (Fernando Pessoa).

Nas últimas aulas foram feitos os acabamentos da obra final e uma selecção de trabalhos para organizar uma exposição final.

A exposição teve o título de *A minha arte é ser eu*, frase de Fernando Pessoa.

No planeamento da exposição final de trabalhos surgiu a ideia de juntar outra linguagem aos trabalhos, isto é, a escrita. Cada aluno pesquisou e chegou a uma frase sua ou de outrem que se adequa-se ao seu trabalho. Uma frase que permitisse a si próprio e ao espectador uma reflexão sobre os motivos daqueles trabalhos de auto-retrato e auto-representação.

Durante a exposição foram exibidos os trabalhos, as fotografias e um vídeo resultante da junção das fotografias da sessão fotográfica feita aos alunos onde é possível ver as possibilidades de transformação e representação de cada aluno (figura 61, anexo 5).

A exposição foi montada, pelas professoras e alunos da turma, em Maio de 2014, na entrada principal da ESPAV. Foi possível visitá-la até ao final do ano lectivo (figuras 62 a 64, anexo 5).

2.2.3 Análise e Reflexão

Apesar da escolha do tema *auto-retrato e auto-representação*, para a unidade didáctica, ter acontecido por motivos relacionados com o seguimento dos conteúdos da disciplina de Desenho A, esta resolveu o grande desafio de motivação dos alunos para a realização de tarefas escolares.

O carácter motivacional e reflexivo deste tema e experiência, auto-retrato/auto-representação, foi muito claro uma vez que nunca antes o explorará e ao fazê-lo interessou-me bastante, chegando a realizar algumas experiências que formam utilizadas como exemplos (disponíveis na apresentação 3, anexo 4).

Os alunos da turma 11º AV1 aceitaram a unidade começando por apreciar bastante o filme *Frida* (2002), ficando até impressionados com algumas cenas.

Durante as apresentações acerca dos conceitos temáticos: retrato, auto-retrato, auto-representação e máscara, estiveram atentos, colocaram questões, destacaram imagens.

No entanto, existe a noção de que alguns conceitos relativos a obras de arte poderão não ter sido completamente entendidos, como por exemplo algumas das obras de arte contemporânea, facto que provocou alguns risos e troças por parte dos alunos. Porém era objectivo desta unidade apresentar diversas abordagens plásticas de modo a alargar as referências dos alunos, uma vez que esta informação é sempre aproveitada e utilizada pelos alunos mesmo que inconscientemente. Por exemplo, após a apresentação *Do Auto-Retrato à Máscara passando pela Auto-representação* deu-se início à sessão fotográfica na qual os alunos adoptaram algumas posturas utilizadas pelos artistas, como o recurso à exploração de expressões faciais de Gustave Coubert, Arnulf Rainer ou Mike P. Mitchell, nas quais uma aluna se terá inspirado (figuras 17 e 18, anexo 1).

A estratégia de realizar uma sessão fotográfica foi essencial para o envolvimento dos alunos nesta unidade didáctica. No seu início os alunos mostraram-se tímidos e receosos, porém foram-se envolvendo e começaram a trazer os seus próprios acessórios. Por exemplo, duas alunas trouxeram indumentária e acessórios para ser fotografadas na aula (figuras 19 e 20, anexo 1). Utilizaram também os seus telemóveis para fazer estudos de poses.

Alguns alunos tiveram algumas dificuldade na compreensão dos princípios de transformação gráfica, mas sempre que esta situação aconteceu reforçou-se a explicação dos conteúdos para toda a turma, dando exemplos e ajudando-os individualmente. Os exercícios no diário gráfico como trabalho de casa funcionaram também para detectar dificuldades na compreensão de conteúdos (apesar da maioria das vezes os alunos não realizarem esta tarefa, alegando falta de tempo).

As transformações gráficas foram introduzidas com a ordem das menos complexas para as mais complexas: repetição, alternância, rotação, sobreposição, positivo/negativo, transformação e nivelamento. Desta forma, os alunos foram assimilando o processo, ganhando confiança e gosto pelos exercícios. A evolução técnica e conceptual dos trabalhos foi notória, como se pode constatar nos exemplos das figuras dos trabalhos dos alunos, em anexo.

A melhoria dos trabalhos ao longo da unidade deveu-se a facto dos alunos, durante a realização dos exercícios, aperceberem-se das possibilidades dos princípios de transformação gráfica para a criação de novas imagens, situações, ideias. Assim proporcionaram-se situações como as seguintes: a sobreposição de um rosto que sugere uma pintura em vitral; a rotação de vários desenhos do rosto que sugerem um fenacistoscópio; a sobreposição de uma espécie de busto que resulta na multiplicação da identidade; ou a transformação de uma aluna, realizada ao jeito de Cindy Sherman (respectivamente, as figuras 26, 27, 28 e 29, anexo 1).

Os alunos demonstraram diferentes níveis de trabalho, pelo que foi necessário algumas aulas para equilibrar a turma em termos de número de trabalhos, e para respeitar o ritmo de cada aluno.

Ao explorar as várias transformações gráficas de uma imagem, de objectos ou de si próprio, os alunos foram explorando materiais e a técnica implícita na sua utilização, assim como a adequação dos materiais ao trabalho. Desta forma os alunos alternaram entre lápis de cor, caneta de feltro, pastel de óleo, tinta da china, guache e aguarela sobre papel cavalinho de tamanho A4, A3 e A2.

Durante a realização dos exercícios, considerando um exercício para cada principio de transformação gráfica, os alunos foram adoptando o tema de “caracterização pessoal”, começaram a recorrer aos objectos, mãos, partes do rosto, chegando ao conceito mais amplo “eu”, e à procura dessa imagem.

Nos exercícios, uns mais breves que outros, foi notório o envolvimento e o cuidado dos alunos para com o seu trabalho, em parte porque se tratava da sua

própria representação/imagem.

Proporcionaram-se situações que surpreenderam como o facto de, no decorrer das aulas, os alunos de forma autónoma começarem a misturar conceitos de transformação gráfica recorrendo à articulação de palavra e imagem e a misturar objectos pessoais com a imagem do seu rosto.

Recorreu-se à utilização do computador e de programas de tratamento de imagem, como o *Photoshop*, para realizar experiências de cor, linhas de contorno ou introduzir texto, mas principalmente para testar cores a aplicar no fundo do desenho (figura 30, anexo1).

Com orientação constante, empenho e interesse, os alunos procuraram e encontraram soluções para um trabalho final de auto-representação. Muitos aproveitaram ideias que surgiram no decorrer dos exercícios de transformação gráfica, outros partiram para um trabalho novo (respectivamente, figuras 54 a 57 e figuras 58 e 59).

O trabalho final de desenho foi realizado num tamanho maior ao que os alunos estavam habituados, o tamanho A2. Desta forma, a unidade didáctica permitiu mais uma experiência diferente, à qual os alunos responderam de forma positiva.

As frases realizadas pelos alunos que acompanham alguns dos trabalhos demonstram a preocupação dos alunos em relação ao futuro e a sua integração na sociedade actual (figura 60 e 61, anexo 5). Revelam também dificuldades em realizar pensamentos abstractos.

A montagem da exposição “A minha arte é ser eu” (Fernando Pessoa), foi motivo de grande orgulho dos alunos e das professoras, foi também um evento de grande sucesso na ESPAV (figuras 62 e 63, anexo 5).

A turma evoluiu em diversos aspectos durante a realização desta unidade didáctica, porém existe ainda um longo trabalho para que estes alunos se libertem de preconceitos, de modo a obterem melhores resultados. E a escola e o ensino artístico podem e devem proporcionar condições para a evolução dos seus alunos.

Esta unidade didáctica irá ser apresentada no III Congresso Matéria-Prima 2014, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, sob o título de *A minha arte é ser eu* (Fernando Pessoa): O reflexo da cultura do aluno na auto-representação e a sobreposição desta à cultura de escola.

CONCLUSÃO

Neste relatório onde se apresenta a unidade de trabalho *Do Auto-Retrato à Máscara*, a sua fundamentação teórica, planificação e enquadramento no contexto onde foi aplicada (escola, disciplina e turma), respeita também o seu sucesso em termos de empenho dos alunos e de resultados.

No entanto, este relatório demonstra simultaneamente que, apesar de toda a organização anterior, qualquer processo de ensino-aprendizagem é orgânico, isto é, está em constante transformação e adaptação. A escolha de conteúdos, estratégias e actividades da unidade didáctica, deriva entre a sua adaptação para o contexto conhecido antecipadamente e a constante adaptação aos interesses, capacidade de resposta dos alunos e ao material disponível.

A unidade de didáctica teve como desafio maior motivar para a realização de uma obra final de auto-representação e, apesar ter sido preparada para um contexto, teve de ser reajustada de modo a atingir esse e outros objectivos. Apesar de toda a motivação foi necessário insistir para que os alunos reflectissem sobre eles próprios, sobre as características da sua personalidade, para serem capazes de as transmitir, tudo isto através de meios plásticos, em especial através do desenho.

As dificuldades em assumir responsabilidade pelos próprios trabalhos foram, nesta unidade didáctica, quase que totalmente superadas. Pois estes alunos chegam ao ensino secundário com hábitos de reprodução de exercícios técnicos, nos quais aplicavam os conteúdos da disciplina de Educação Visual, mas ao chegarem ao 10º ano deparam-se com uma responsabilidade à qual não estavam acostumados (situação que se verificou no ano lectivo anterior com a aplicação da unidade didáctica *O Sentido e a Forma na Cor*).

Os objectivos da unidade didáctica foram alcançados, isto é: os alunos e os seus trabalhos evoluíram a par da compreensão dos conceitos abordados e da investigação sobre o trabalho de artistas (sendo, a princípio, difícil desligarem-se da noção e representação formal clássica do retrato e auto-retrato); reflectiram sobre si mesmos, desenvolvendo o auto-conceito; abordaram-se os conteúdos do programa da disciplina de Desenho A; e os alunos trabalharam com diversos materiais e técnicas, explorando aqueles que lhes ofereciam maiores possibilidades de acordo com o seu trabalho e, a maioria, sem auxílio das professoras, escolheu e aplicou técnicas e materiais adequados.

Ao longo do desenvolvimento da unidade didáctica notou-se a crescente motivação e maior envolvimento por parte dos alunos.

A maioria dos alunos obteve bom aproveitamento e envolveu-se na investigação e no respectivo trabalho. Os poucos alunos que não obtiveram aproveitamento deveu-se ao abandono das aulas e anulação de matrícula.

Contudo, e apesar dos avanços demonstrados pelos alunos a nível conceptual e técnico e de toda a desconstrução da imagem que os exercícios proporcionaram, os alunos continuam a demonstrar dificuldade no raciocínio abstracto, no distanciamento do realismo em termos de semelhança, assim como na insistência da procura do “belo” nos seus trabalhos.

Ao concluir o presente relatório considera-se o balanço das actividades realizadas, na unidade didáctica *Do Auto-Retrato à Máscara*, bastante positivo. Sendo de realçar a evolução dos trabalhos, tanto dos alunos como das professoras, isto em relação ao ano lectivo anterior e à unidade didáctica *O Sentido e a Forma da Cor*.

REFERÊNCIAS

Bibliografia Geral

ALMEIDA, Bernardo Pinto de (1996)

Espaços da representação e Lugar do espectador. Lisboa: Assírio e Alvim.

CONFURIUS, Gerrit (2009)

Jorge Molder - Pinocchio, 2006-2009. Culturgest: Projecto de exposições 2009-2012.

DOY, Gen (1994)

“Cindy Sherman: Theory and Practice.” *In Art Has No History: The Making and Unmaking of Modern Art*. London: Verso, 1994.

EFLAND, Arthur

Art and Cognition: Integrating the Visual Arts in the Curriculum. Teachers College Press, 2002.

FREUD, Sigmund (1915-17)

Introductory Lectures on Psycho-Analysis, Part III. London: Hogarth Press, 1961.

GOMBRICH, Ernest Han (1982)

The image and the eye: further studies in the psychology of pictorial representations. Phaidon Oxford – *The mask and the face: the perception of physiognomic likeness in life and art* 105-136

BACHELARD, Gaston (1958)

La poétique de l'espace

[*A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000]

JUNG, Carl G. (1966)

Two essays on analytical psychology. London: Routledge, 1999.

MILLER, Jonathan (1998).

On Reflection. USA: National Gallery Publications/Yale University

NANCY, Jean-Luc (1992)

Corpus. Paris: Métailié.

[*Corpus*. Lisboa: Vega, 1ªed., 2000.]

PIRANDELLO, Luigi (1926)

Uno, nessuno e centomila. Florença: Bemporad.

[*Um, ninguém e cem mil*. Lisboa, 2003].

RAMOS, José Artur (2010)

Retrato: o desenho da Presença. Lisboa: Campo da Comunicação.

RAMOS, Artur (2001)

O auto-retrato ou a reversibilidade do rosto. Lisboa: [s.n.] Tese de mestrado em Estética e Filosofia da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

SHERMAN, Cindy (2003)

The making of “Untitled”. New York: The Museum of Modern Art, 2009.

SILVA, Joana T. (2013)

A fotografia como substituto do ser amado: apontamentos cinematográficos. Tese de mestrado em Pintura, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

SIMMEL, Georg (1916)

Rembrandt - Ein Kunstphilosophischer Versuch

[*Rembrandt – Ensayo de Filosofía del Arte*. Múrcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos, 1996]

VEIGA, Luciano Henriques (2007)

Indisciplina e violência na escola: práticas comunicacionais para professores e pais. Coimbra: Almedina.

WALKER, Sydney (2004)

Understanding the Artmaking Process, Reflective Practice. In *Art Education*, vol. 57, nº3.

WILLIS, Paul (1991)

Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução. Porto Alegre: Artes Médicas.

Outras Referências e Bibliografia Específica: Auto-retrato, Auto-representação e Máscara

Filmes e vídeos

Frida (2002), filme em DVD de Julie Taymor.

Dorian Grey (2009), filme em DVD de Oliver Parker.

If only for a second (2013), vídeo, MIMI Foudation. ORG.

Sites

<http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2012/cindysherman/gallery/1/>

Livros e catálogos

OVÍDIO (8 d.C)

Metamorfoses [Livro III - Narciso e Eco; Livro X – Pigmalião]

Lisboa: Livros Cotovia e Paulo Farmhouse Albert, 2007.

WILDE, Oscar (1890)

The Picture of Dorian Grey EUA: Lippincott's Monthly Magazine.

Pinocchio - Jorge Molder. Lisboa: Chiado 8 - Arte Contemporânea, 2009.

The complete Untitled film Stills - Cindy Sherman. Nova Iorque: Museu de Arte Moderna, 2009.

Um auto-retrato - John Coplans. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna, 1992.

ANEXO 1 – Figuras



Fig.1
Cindy Sherman, *Untitled #479* (1975)

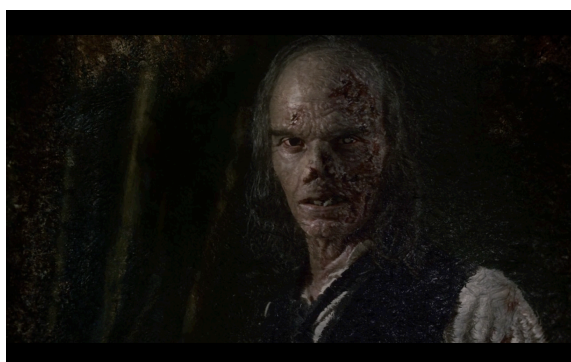
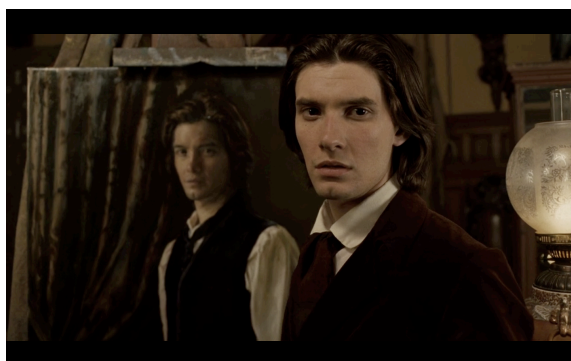


Fig. 2 e 3
Oliver Parker
Still de Dorian Gray (2009)



Fig. 4.

Jorge Molder, *Pinocchio*, 2006-2009; Salvador Dalí, *Auto-retrato*, ; Fernando Lemos, *Eu (Auto-retrato)*, 1949; Terri Thomas, *Phren: Vivisection*, 2013; Bruce Nauman, *Auto-retrato como fonte*, 1966; Gustave Coubert, *O Desesperado*, 1843; Francis Bacon, *Auto-retrato*, 1969; Chuck Close, *Auto-retrato II*, 2011; Andy Warhol, *Auto-retrato com Caveira*, 1977; David Hockney, 'joiner' *Auto-retrato*; John Coplans; Shirin Neshat, *Mulheres de Alá*, 1993-97, Louise Bourgeois, *Auto-retrato, fase V*, 1990.

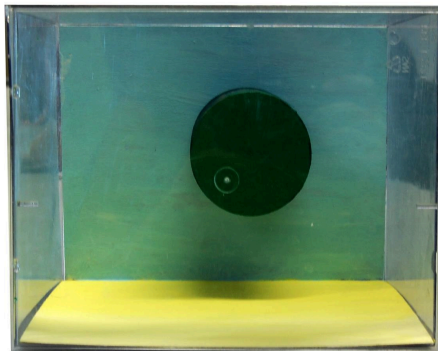


Fig. 5

Julie Taymor
Still do filme *Frida*, (2002)



Fig. 6.
Escola Secundária Padre Antonio Vieira.



O meu quadro chama-se esperança. Pinte o Sol de verde, porque significa a esperança e a calma. Pinte o céu de amarelo, porque nos transmite luz e calor e eu gosto do calor. Pinte a água do mar de azul, porque simboliza a lealdade e a personalidade, simboliza também os sonhos.

Walter

Fig. 7
Walter
Sentido e Forma na Cor. Peça: acrílico, cartolina, guache (2013)



Fig. 8
André Silva
Estudo do corpo humano (2013)



Fig. 9
Sandra Henriques
Sessão fotográfica a Mariana Araújo (2014)



Fig. 10.
Sandra Henriques
Sessão fotográfica a Rogério Djaló, (2014)



Fig. 11
Rogério Djaló
Exercício de sobreposição (2014)

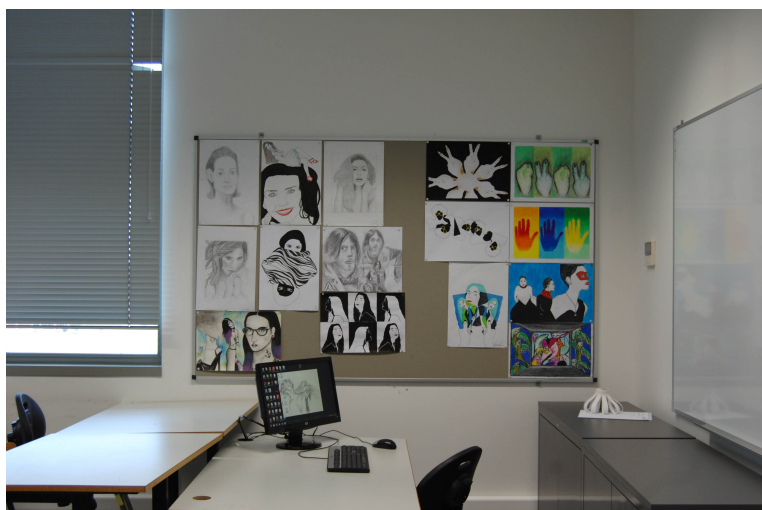


Fig. 12
Expositor das sala de aula



Fig. 13
Campanha publicitária do Banco Espírito Santo - BES (2013)



Fig. 14
Andy Warhol
Auto-retrato (1966)



Fig.15
Marta Maganão
Exercício de repetição (2014)



Fig. 16
Ana Beatriz Dias
Exercício de repetição (2014)



Fig. 17
Sandra Henriques
Sessão fotográfica a Mariana (2014)

Fig.18
Gustave Coubert
O Desesperado (1843)



Figura 19.
Sandra Henriques,
Sessão fotográfica a Marta - *Lolita fashion* (2014)

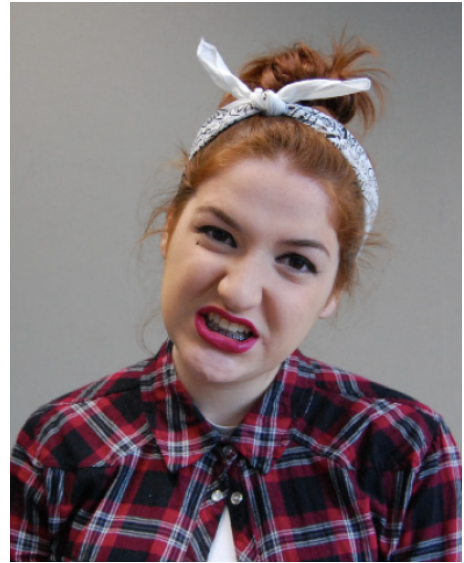


Fig. 20
Sandra Henriques,
Sessão fotográfica a Ana Beatriz - *Estilo pin-up* (2014)



Fig. 21.
André Lopes
Exercício de transformação gráfica: alternância (2014)



Fig. 22
 André Lopes
 Exercício de repetição e transformação (2014)



Fig. 23
 Melissa Ramos
 Positivo/negativo com alternância (2014)



Fig. 24
Ana Beatriz Dias
Exercício de transformação gráfica: Positivo/negativo (2014)



Fig. 25
Catarina Almeida
Exercício de Rotação e articulação palavra/imagem (2014)

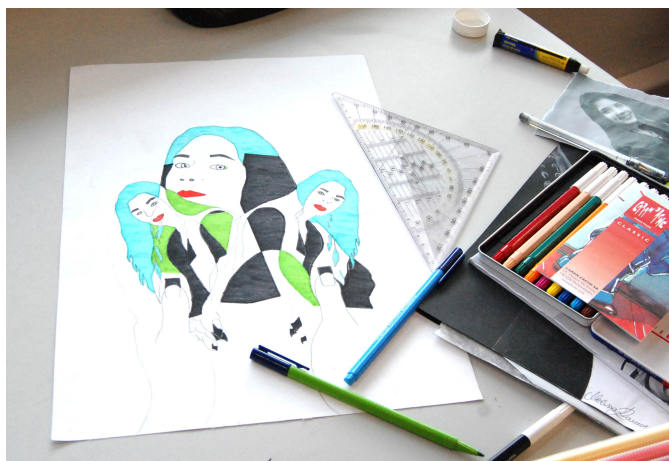


Fig. 26
Melissa Ramos
Exercício de transformação gráfica: sobreposição (2014)

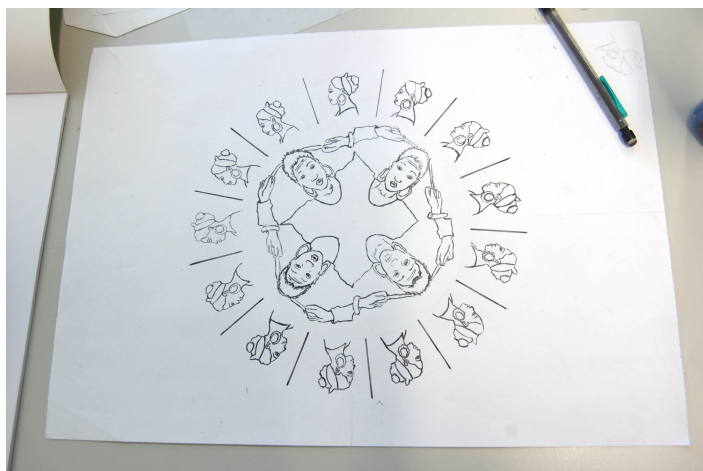


Fig. 27
Mariana Araújo
Exercício de transformação gráfica: rotação (2014)



Fig. 28
Rafael França
Exercício de transformação Gráfica: sobreposição (2014)



Fig. 29.
Catarina Almeida,
Exercício de transformação Gráfica: transformação (2014)

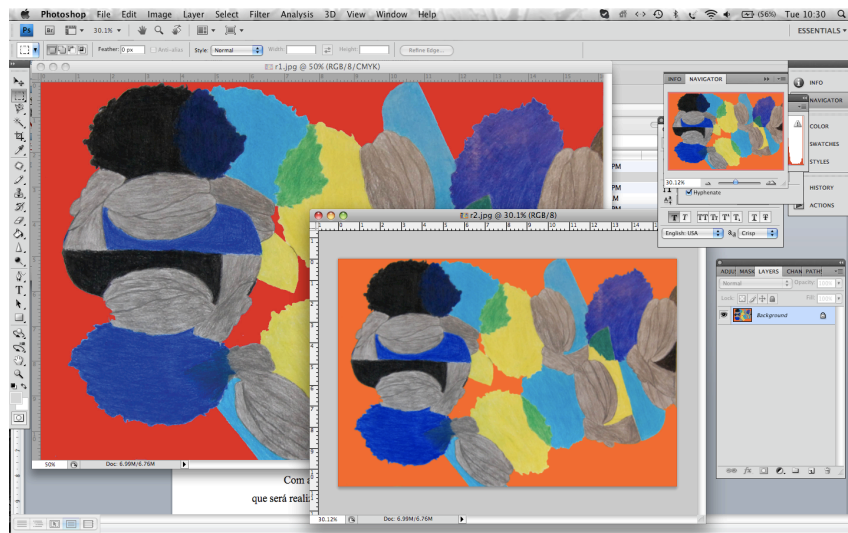


Figura 30.
Rogério Djaló
Experiências de cor no software *Photpshop* (2014)

ANEXO 2 - Quadros

Nível Ensino	Ano/Curso	Nº de alunos
3º Ciclo do Ensino Básico	7º	227
	8º	
	9º	
Cursos de Educação e Formação	Fotografia (9º)	26
	Sistemas Ambientais (9º)	
Ensino Secundário Científico-Humanístico	Ciências e Tecnologias	570
	Ciências Socioeconómicas	
	Artes Visuais	
	Línguas e Humanidades	
Ensino Profissional	Animação Sociocultural	157
	Técnico de Design Gráfico	
	Técnico de Informática de Gestão	
	Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos	
	Técnico de Desenho Digital 3D	

Quadro 1. Distribuição de alunos por nível de ensino e curso na ESPAV, 2014.

Departamento / Serviço	Grupo	Nº de Professores	Total
Matemática e Ciências Experimentais	500 – Matemática	18	47
	510 – Física e Química	11	
	520 – Biologia e Geologia	10	
	550 – Informática	8	
Ciências Sociais e Humanas	290 – EMR	1	30
	400 – História	5	
	410 – Filosofia	8	
	420 – Geografia	8	
	430 – Economia e Contabilidade	8	
Expressões	530 – Educação Tecnológica	3	32
	600 – Artes Visuais	16	
	620 - Educação Física	10	
	999 – Técnicas Especiais	3	
Línguas	300 – Português	20	32
	330 – Inglês	10	
	350 – Espanhol	2	
SPO	910 – Educ. Especial 1	1	2
	500 – Matemática	1	
	Psicóloga (Técnica)	(1)	
Total			143

Quadro 2. Distribuição de docentes por departamento e grupo disciplinar na ESPAV, 2014.

Desenho A		Secundário
Itens de avaliação	Critérios	Ponderação
Atitudes e comportamentos	Conduta Participação/Autonomia Trabalho em equipa	5%
Portefólio Pesquisas Esboços Diário Gráfico	Conhecimentos/Compreensão Originalidade/Criatividade Planeamento/Organização Superação de dificuldades Linguagem e Comunicação Técnica/Rigor	20%
Trabalhos práticos em sala de aula Trabalhos práticos Provas práticas em tempo limitado	Planeamento/Organização Conhecimentos/Compreensão Originalidade/Criatividade Participação/Autonomia Superação de dificuldades Capacidades/Competências Linguagem e Comunicação Técnica/Rigor	55%
Relatórios e trabalhos escritos	Conhecimentos/Compreensão Originalidade/Criatividade Planeamento/Organização Superação de dificuldades Capacidades/Competências Linguagem e Comunicação	10%
Apresentações	Conhecimentos/Compreensão Originalidade/Criatividade Trabalho de equipa Linguagem e Comunicação	10%

Quadro 3. Itens de avaliação, critérios aplicáveis e ponderação no apuramento da classificação final. Quadro aprovado em reunião do Departamento de Artes a 12 de setembro de 2013.

PLANIFICAÇÃO Geral da Unidade Didáctica *Do auto-retrato à máscara*

CONTEÚDOS		OBJE.	ATIVIDADES		SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS	
1ª AULA	Retrato e Auto-retrato				A obra de arte como espelho do artista (reflexos políticos e sociais). Visualização do filme <i>Frida</i> (2002) de Julie Taymor.
2ª AULA	Retrato, Auto-retrato		Visualização do filme <i>Frida</i> Apresentação <i>Retrato e Auto-retrato: evolução histórica e conceptual.</i>	Computador, projector.	Retrato e Auto-retrato: evolução histórica, conceptual e formal.
3ª e 4ª AULA	Estudo de formas Transformação gráfica: Repetição e alternância.		Apresentação <i>Transformação gráfica.</i> Exercício de aplicação.	Computador, projector. Material de desenho e pintura,	Princípios de transformação gráfica: repetição e alternância.
5ª AULA	Auto-retrato e auto-representação. Estudo de formas Transformação gráfica: Repetição e alternância.		Apresentação <i>Do auto-retrato à máscara passando pela auto-representação.</i> Exercício de aplicação. Sessão fotográfica	Computador, projector. Material de desenho e pintura,	A transformação do retrato à máscara. A representação e a Auto-representação. Caracterização das personagens. Início da sessão fotográfica. Princípios de transformação gráfica: repetição e alternância.
6ª AULA	Estudo de formas Transformação gráfica : sobreposição e rotação.		Sessão fotográfica Exercício de aplicação.	Computador, projector. Material de desenho e pintura,	Princípios de transformação gráfica: sobreposição e rotação. A transformação do retrato à máscara.
7ª e 8ª AULA	Estudo de formas Transformação gráfica : sobreposição e rotação. Estudo de formas		Sessão fotográfica Exercício de aplicação. Sessão fotográfica	Computador, projector. Material de desenho e pintura, Computador, projector.	Princípios de transformação gráfica: sobreposição e rotação. A transformação do retrato à máscara. Princípios de transformação gráfica: positivo/negativo.

**9^a e 10^a
AULA**

Transformação gráfica :
positivo/negativo.

Exercício de aplicação.

Material de desenho e pintura,

**11^a e 12^a
AULA**

Representação.
Máscaras sociais, duplo,
persona.

Exercício de aplicação.

Computador, projector.
Material de desenho e pintura,

As personagens que representamos –
máscaras sociais, personagem, duplo,
persona.
Princípios de transformação gráfica:
transformação.

**13^a-15^a
AULA**

Estudo de formas
Transformação gráfica :
transformação
Estudo de formas
Transformação gráfica :
nivelamento por
simplificação e
acentuação.

Exercício de aplicação.

Material de desenho e pintura,

Princípios de transformação gráfica:
nivelamento por acentuação.

**16^a e 17^a
AULA**

Auto-representação,
máscara.
Transformação gráfica

**Seleccção de trabalhos
Projectos para trabalho final**

Projectos para a obra final de auto-
representação e máscara.

**18^a e 19^a
AULA**

Auto-representação,
máscara.
Transformação gráfica

Finalização de trabalhos finais

Concretização da obra final de auto-
representação e máscara.

**20^a
AULA**

**Seleccção e montagem da
exposição.**

Montagem da exposição.

PLANIFICAÇÃO de Aula						
CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO	
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS		
1ª AULA 6 Janeiro segunda-feira 8.15-11.45	A criação: motivos e produção da obra de arte.	Motivar para a unidade didáctica: produção de obras de auto-representação.	Visualização do filme <i>Frida</i> (2002) de Julie Taymor	Explicação inicial sobre o contexto sociopolítico do filme; apresentação das personagens. Interrupções para esclarecimentos (após os intervalos da aula).	Computador; DVD; Projector.	A obra de arte como espelho do artista (reflexos políticos e sociais). Visualização do filme <i>Frida</i> (2002) de Julie Taymor.
	Obra de arte como “espelho do artista”.	Demonstrar que a obra de um artista é sempre autobiográfica.				
		Demonstrar que a arte como necessidade do seu autor e “arma” política e social.				

Nota: A **avaliação** feita aos alunos é contínua e prende-se com o maior ou menor grau de cumprimentos dos objectivos estipulados para cada aula e, formativa, ou seja, avalia-se a capacidade de conclusão de exercícios assim como a sua qualidade técnica e conceptual.

Devido ao acompanhamento individualizado, realizado durante as aulas, o professor tem um fácil acesso às capacidades, e a à evolução destas; à aplicação de conhecimentos adquiridos assim como detecta as dificuldades dos seus alunos.

Os critérios de avaliação e a percentagem a ser considerada encontram-se em anexo (anexo).

PLANIFICAÇÃO de Aula						
	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO	
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS		
2ª AULA 9 Janeiro quinta-feira 14.20- 16.40	Retrato Auto-retrato Pré-fixo: “Auto” Representação	Reconhecer diferenças e semelhanças entre os conceitos: retrato, auto-retrato. Entender a evolução histórica, conceptual e formal do retrato do auto-retrato Entender o Auto-retrato como: -Testemunho de uma presença num determinado tempo e lugar; -Experiência de consciência de si (confronto entre o interior e o exterior) e -Experiência de transformação.	Motivação através de um apresentação em <i>Power Point:</i> <i>Retrato e Auto-</i> <i>retrato:</i> <i>Evolução</i> <i>histórica e</i> <i>conceptual.</i>	Apresentação e contextualização de diversas soluções de auto-retratos. Diálogo com os alunos.	Computador; Projector. Diálogo com os alunos.	Retrato e Auto-retrato: evolução histórica, conceptual e formal.

Consultar o anexo 4, apresentação 1 - *Retrato e Auto-retrato: Evolução histórica e conceptual.*

PLANIFICAÇÃO de Aula						
CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO	
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS		
3ª AULA 16 Janeiro quinta-feira 14.20-16.45	Auto-retrato Auto-representação	Compreender o funcionamento dos princípios de transformação gráfica.	Motivação através de um apresentação em <i>Power Point: Transformação Gráfica</i>	Diálogo com os alunos.	Computador; Projector.	Princípios de transformação gráfica: repetição e alternância.
	Processos de Síntese, Princípios de transformação gráfica: repetição, alternância, rotação, positivo/negativo, sobreposição, transformação e nivelamento (por acentuação e simplificação).	Compreender as possibilidades da transformação gráfica (sugestão de novas formas).	Desenho de objectos conforme os princípios de transformação gráfica.	Análise de exemplos da utilização da transformação gráfica na arte na publicidade: repetição (auto-retratos de Andy Warhol e campanha do BES).	Diálogo com os alunos.	Caracterização através de sinais.
	Estudo de formas: naturais e artificiais. Caracterização através de objectos.	Identificar objectos caracterizadores de um tempo e lugar.		Papel cavallinho A3, lápis de grafite, pastel de óleo, canetas de feltro, tinta da china.	Papel cavallinho A3, lápis de grafite, pastel de óleo, canetas de feltro, tinta da china.	Auto – representação: caracterização através de formas naturais e artificiais.

Consultar anexo 4, apresentação 2: *Transformação Gráfica: Repetição*.

PLANIFICAÇÃO de Aula						
CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES			SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS		
4ª AULA 13 Janeiro segunda-feira 8.15 – 11.45	Auto-retrato	Reconhecer diferenças e semelhanças entre os conceitos: retrato, auto-retrato e auto-representação.	Análise e desenho de objectos e partes do corpo (mãos, elementos do rosto) Adaptar os desenhos das formas aos princípios de transformação gráfica.	Diálogo com os alunos. Análise de exemplos da utilização da transformação gráfica na arte na publicidade: repetição.	Computador; Projector. Diálogo com os alunos. Catálogo de Andy Warhol. Papel cavallinho A3, lápis de grafite, pastel de óleo, canetas de feltro, tinta da china.	Princípios de transformação gráfica: repetição e alternância. Auto –representação: caracterização através de formas naturais e artificiais.
	Processos de Análise, Estudo de Forma.					
	Formas naturais e artificiais.					
	Caracterização através de objectos.	Compreender e usufruir das possibilidades da transformação gráfica (sugestão de novas formas).				
	Processos de Síntese, Princípios de transformação gráfica: repetição, alternância.	Identificar objectos caracterizadores de um tempo e lugar.				

Consultar anexo 4, apresentação 2: *Transformação Gráfica: Repetição, alternância.*

PLANIFICAÇÃO de Aula						
CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES			SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS		
5ª AULA 20 Janeiro segunda-feira 8.15 – 11.45	Auto-representação	Reconhecer diferenças e semelhanças entre os conceitos: retrato, auto-retrato e auto-representação	Apresentação/motivação: <i>Do Auto-retrato à máscara, passando pela auto-representação.</i>	Diálogo com os alunos.	Computador; Projector.	A transformação de um auto-retrato a uma máscara.
	Personagem Duplo Máscara				Diálogo com os alunos.	
	Transformação através da caracterização.	Entender o conceito de representação ligado à personagem. Duplo e máscara	Análise do trabalho de Cindy Sherman. Sessão fotográfica feita aos alunos, sem e com caracterização.	Apresentação e exemplos de obras de auto-retrato, auto-representação e máscara na arte, em diversos suportes.	Papel cavallinho A3, lápis de grafite, pastel de óleo, canetas de feltro, tinta da china. Catálogos de Jorge Molder, Cindy Sherman; John Coplans. Acessórios e objectos para caracterização (lenços, óculos, brincos, perucas, maquilhagem, espelhos). Máquina fotográfica digital.	A caracterização das personagens. A representação e a Auto-representação

Consultar o anexo 4, apresentação 3 - *Do Auto-retrato à máscara, passando pela auto-representação.*

PLANIFICAÇÃO de Aula						
	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO	
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS		
<div>6ªAULA</div> <div>23 Janeiro</div> <div>quinta-feira</div> <div>14.20-16.45</div>	Auto-representação.	Entender o conceito de auto-representação.				Princípios de transformação gráfica: sobreposição e rotação.
	Processos de Análise, Estudo de Forma.	Conseguir representar-se por novas formas (objectos, elementos do rosto e corpo).	Motivação através de um apresentação em <i>Power Point: Transformação Gráfica- sobreposição e rotação.</i>	Apresentação contextualização de diversas soluções de auto-retratos.	Computador; Projector.	
	Transformação gráfica: sobreposição, rotação.	Compreender e usufruir das possibilidades da transformação gráfica (sugestão de novas formas).	Aplicação dos desenhos do rosto, elementos do rosto ou objectos aos princípios de transformação.	Apresentação e exemplos da aplicação dos princípios de transformação gráfica na arte, na publicidade e no quotidiano.	Material de desenho e pintura. Catálogos de Jorge Molder, Cindy Sherman; John Coplans.	A transformação de um auto-retrato a uma máscara.
			Sessão fotográfica feita aos alunos com caracterização.	Análise do trabalho do ilustrador Bernardo Carvalho. Ligação da sobreposição com a técnica de colagem (camadas). Diálogo com os alunos.	Acessórios e objectos para caracterização (lenços, óculos, brincos, perucas, maquilhagem, espelhos). Máquina fotográfica digital.	

Consultar o anexo 4, apresentação 2: *Transformação Gráfica: sobreposição, rotação.*

PLANIFICAÇÃO de Aula						
CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO	
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS		
7ª AULA 27 Janeiro segunda-feira 8.15-11.45	Auto-representação	Reconhecer diferenças e semelhanças entre os conceitos: retrato, auto-retrato e auto-representação Entender o conceito de representação ligado à personagem. Duplo e máscara Compreender e usufruir das possibilidades da transformação gráfica (sugestão de novas formas).	Apresentação/motivação: <i>Do Auto-retrato à máscara, passando pela auto-representação.</i>	Apresentação e exemplos da aplicação dos princípios de transformação gráfica na arte, na publicidade e no quotidiano.	Computador; Projector.	Princípios de transformação gráfica: sobreposição e rotação.
	Personagem		Aplicação dos desenhos do rosto, elementos do rosto ou objectos aos princípios de transformação.	Diálogo com os alunos.	Diálogo com os alunos.	A transformação de um auto-retrato a uma máscara.
	Duplo		Sessão fotográfica feita aos alunos com caracterização.	Ligação da rotação com o movimento.	Material de desenho e pintura.	
	Máscara			Análise de “mandalas”.	Acessórios e objectos para caracterização (lenços, óculos, brincos, perucas, maquilhagem, espelhos). Máquina fotográfica digital	

Consultar o anexo 4, apresentação 2: *Transformação Gráfica: rotação.*

PLANIFICAÇÃO de Aula						
CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO	
8ª AULA 30 Janeiro segunda-feira 14-20.16.45	Auto-representação	Reconhecer diferenças e semelhanças entre os conceitos: retrato, auto-retrato e auto-representação		ESTRATÉGIAS	RECURSOS	Princípios de transformação gráfica: positivo/negativo.
	Processos de Análise, Estudo de Forma.		Motivação através de um apresentação em <i>Power Point</i>: <i>Transformação Gráfica-positivo/negativo</i>	Apresentação e exemplos da aplicação dos princípios de transformação gráfica na arte, na publicidade e no quotidiano	Computador; Projector.	
	Processos de Síntese, Transformação Gráfica:	Entender o conceito de representação ligado à personagem. Duplo e máscara	Aplicação dos desenhos do rosto, elementos do rosto ou objectos aos princípios de transformação.		Diálogo com os alunos.	
		Compreender e usufruir das possibilidades da transformação gráfica (sugestão de novas formas).	Sessão fotográfica feita aos alunos com caracterização.	Diálogo com os alunos.	Material de desenho e pintura.	
					Acessórios e objectos para caracterização (lenços, óculos, brincos, perucas, maquilhagem, espelhos). Máquina fotográfica digital	

Consultar o anexo 4, apresentação 2 - *Transformação Gráfica: positivo/negativo*.

PLANIFICAÇÃO de Aula						
CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO	
9ª AULA 3 Fevereiro segunda-feira 8-15.11.45	Auto-representação	Reconhecer diferenças e semelhanças entre os conceitos: retrato, auto-retrato e auto-representação	Aplicação dos desenhos do rosto, elementos do rosto ou objectos aos princípios de transformação.	ESTRATÉGIAS	RECURSOS	Princípios de transformação gráfica: positivo/negativo.
	Processos de Análise, Estudo de Forma.			Apresentação e exemplos da aplicação dos princípios de transformação na arte, na publicidade e no quotidiano.	Computador; Projector.	
	Processos de Síntese, Transformação Gráfica.	Entender o conceito de representação ligado à personagem, duplo e máscara		Diálogo com os alunos.	Diálogo com os alunos.	
		Compreender e usufruir das possibilidades da transformação gráfica (sugestão de novas formas).		Material de desenho e pintura.		
				Diálogo com os alunos.		
				Orientação individual.		

Consultar o anexo 4, apresentação 2 - *Transformação Gráfica: positivo/negativo*.

PLANIFICAÇÃO de Aula

CONTEÚDOS

OBJETIVOS

ATIVIDADES

SUMÁRIO

Auto-representação

Reconhecer diferenças e

ESTRATÉGIAS

RECURSOS

Motivação através de um apresentação em *Power Point*: *Transformação Gráfica-transformação*.

Apresentação os princípios de transformação gráfica na arte, na publicidade e no quotidiano.

Computador; Projector.

Diálogo com os alunos.

Aplicação dos desenhos do rosto, elementos do rosto ou objectos aos princípios de transformação.

Diálogo com os alunos.

Material de desenho e pintura.

Orientação individual.

Catálogos de Salvador Dali e René Magritte.

Consultar o anexo 4, apresentação 2 - *Transformação Gráfica: transformação*.

PLANIFICAÇÃO de Aula				
CONTEÚDOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO
Auto-representação	Reconhecer diferenças e	ESTRATÉGIAS	RECURSOS	
		Desenhar esses objectos segundo princípios de transformação gráfica. Aplicação dos desenhos do rosto, elementos do rosto ou objectos aos princípios de transformação gráfica.	Apresentação os princípios de transformação gráfica na arte, na publicidade e no quotidiano. Diálogo com os alunos Orientação individual.	Computador; Projector. Diálogo com os alunos. Material de desenho e pintura. Catálogos de Salvador Dali e René Magritte.

Consultar o anexo 4, apresentação 2 - *Transformação Gráfica: transformação*.

PLANIFICAÇÃO de Aula

CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO	
12ª AULA 17 Fevereiro segunda-feira 8-15.11.45	Auto-representação	Reconhecer diferenças e semelhanças entre os conceitos: retrato, auto-retrato e auto-representação				
	Processos de Análise, Estudo de Forma.		Motivação através de um apresentação em Power Point: Transformação Gráfica-nivelamento.	Apresentação os princípios de transformação gráfica na arte, na publicidade e no quotidiano.	Computador; Projector.	Princípios de transformação gráfica: nivelamento por simplificação.
	Processos de Síntese, Transformação Gráfica.	Entender o conceito de representação ligado à personagem, duplo e máscara. Compreender e usufruir das possibilidades da transformação gráfica (sugestão de novas formas).	Aplicação dos desenhos do rosto, elementos do rosto ou objectos aos princípios de transformação gráfica.	Diálogo com os alunos. Orientação individual	Diálogo com os alunos. Material de desenho e pintura. Catálogos de Andy Warhol, Roy Lichtenstein e Keith Haring.	As personagens que representamos – máscaras sociais.

Consultar o anexo 4, apresentação 2 - *Transformação Gráfica: nivelamento por simplificação*.

PLANIFICAÇÃO de Aula

CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS	
<div>13ª AULA</div> <div>20 Fevereiro</div> <div>quinta-feira</div> <div>14.25-16.45</div>	Auto-representação	Reconhecer diferenças e semelhanças entre os conceitos: retrato, auto-retrato e auto-representação			Princípios de transformação gráfica: nivelamento por acentuação.
	Processos de Análise, Estudo de Forma.		Motivação através de um apresentação em <i>Power Point</i>: <i>Transformação Gráfica-nivelamento</i>.	Apresentação os princípios de transformação e nivelamento na arte e na publicidade.	Computador; Projector.
	Processos de Síntese, Transformação Gráfica: transformação, nivelamento (simplificação, acentuação).	Entender o conceito de representação ligado à personagem. Duplo e máscara Compreender e usufruir das possibilidades da transformação gráfica (sugestão de novas	Aplicação dos desenhos do rosto, elementos do rosto ou objectos aos princípios de transformação gráfica.	Diálogo com os alunos. Orientação individual	Diálogo com os alunos. Material de desenho e pintura. Catálogos de Pedro Salgado, Lucian Freud, Chuck Close.
	Ilustração científica, Hiper-realismo. Caricatura.				As personagens que representamos – máscaras sociais.

Consultar o anexo 4, apresentação 2 - *Transformação Gráfica: nivelamento por acentuação*.

PLANIFICAÇÃO de Aula

	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS	
14ª AULA 17 Fevereiro segunda-feira 8-15.11.45	Auto-representação Máscara	Encontrar soluções de auto-representação.			Princípios de transformação gráfica: nivelamento por simplificação e acentuação.
	Processos de Análise, Estudo de Forma.	Aplicar os princípios de transformação gráfica.	Aplicação dos desenhos do rosto, elementos do rosto ou objectos aos princípios de transformação gráfica.	Orientação individual	Computador; Projector.
	Processos de Síntese, Transformação Gráfica.		Apresentação os princípios de transformação e nivelamento na arte e na publicidade.	Diálogo com os alunos.	Diálogo com os alunos.
			Diálogo com os alunos.	Material de desenho e pintura.	
				Catálogos de Andy Warhol, Roy Lichtenstein e Keith Haring; Pedro Salgado, Lucian Freud, Chuck Close.	

Consultar o anexo 4, apresentação 2 - *Transformação Gráfica: nivelamento*.

PLANIFICAÇÃO de Aula

	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS	
15ª AULA 17 Fevereiro segunda-feira 8-15.11.45	Auto-retrato Auto-representação Máscara Processos de Análise, Estudo de Forma. Processos de Síntese, Transformação Gráfica.	Reconhecer nos trabalhos características suas: auto- retrato, auto- representação, máscara Adequar técnica, material e forma	Seleção de elementos ou trabalhos realizados para aplicação no trabalho final. Realização de projectos para a obra final de auto- representação ou máscara.	Orientação individual: análise dos trabalhos realizados. Material de desenho e pintura.	Início da obra final de auto-representação e máscara.

PLANIFICAÇÃO de Aula

	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS	
16ª AULA 20 Fevereiro quinta-feira 14.25.16.45	Auto-retrato Auto-representação Máscara Processos de Análise, Estudo de Forma. Processos de Síntese, Transformação Gráfica.	Reconhecer nos trabalhos características suas: auto- retrato, auto- representação, máscara Adequar técnica, material e forma	Passagem do estudo para a obra final de auto- representação ou máscara.	Orientação individual: análise dos trabalhos realizados. Papel aguarela A2 Tinta da china, riscadores diversos, guache, acrílico. Material de pintura.	Obra final de auto- representação e máscara.

PLANIFICAÇÃO de Aula

	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS	
17ª AULA 24 Fevereiro segunda-feira 8-15.11.45	Auto-retrato Auto-representação Máscara Processos de Análise, Estudo de Forma. Processos de Síntese, Transformação Gráfica.	Reconhecer nos trabalhos características suas: auto- retrato, auto- representação, máscara Adequar técnica, material e forma	Realização do trabalho final: obra de auto-representação, máscara.	Orientação individual: escolha de materiais e composição. Papel aguarela A2 Tinta da china, riscadores diversos, guache, acrílico. Material de pintura.	Obra final de auto- representação e máscara.

PLANIFICAÇÃO de Aula

	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS	
18ª AULA 24 Fevereiro segunda-feira 8-15.11.45	Auto-retrato Auto-representação Máscara Processos de Análise, Estudo de Forma. Processos de Síntese, Transformação Gráfica.	Reconhecer nos trabalhos características suas: auto- retrato, auto- representação, máscara Adequar técnica, material e forma	Realização do trabalho final: obra de auto-representação, máscara. Orientação individual: escolha de materiais e composição.	Papel aguarela A2 Tinta da china, riscadores diversos, guache, acrílico. Material de pintura.	Acabamentos da auto- representação ou máscara.

PLANIFICAÇÃO de Aula

CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS	
<div>19ª AULA</div> <div>24 Fevereiro</div> <div>segunda-feira</div> <div>8-15.11.45</div>	Auto-retrato Auto-representação Máscara	Adequar técnica, material e forma	Orientação individual	Papel aguarela A2 Tinta da china, riscadores diversos, guache, acrílico. Material de pintura.	Acabamentos da auto-representação ou máscara.
	Processos de Análise, Estudo de Forma.				
	Processos de Síntese, Transformação Gráfica.				
			Conclusão do trabalho final: obra de auto-representação, máscara.		
			Organização da montagem da exposição final de trabalhos.		

PLANIFICAÇÃO de Aula

CONTEÚDOS		OBJETIVOS	ATIVIDADES		SUMÁRIO
			ESTRATÉGIAS	RECURSOS	
20ª AULA 24 Fevereiro segunda-feira 8-15.11.45	Auto-retrato Auto-representação Máscara Processos de Análise, Estudo de Forma.	Adequar técnica, material e forma	Montagem da exposição.	Cooperação entre alunos e professores. Trabalhos dos alunos Expositores..	Montagem da exposição.

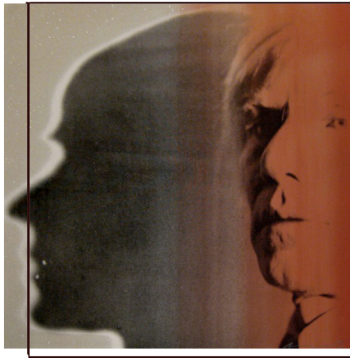
APRESENTAÇÃO 1 – Retrato e Auto-Retrato: Evolução histórica e conceptual

Apresentação 1

RETRATO E AUTO-RETRATO

EVOLUÇÃO HISTÓRICA E CONCEPTUAL

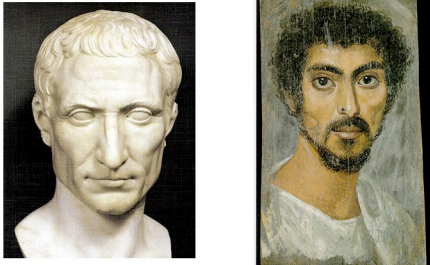
MITO DA SOMBRA



Andy Warhol
Mytho: The Shadow (F&S II, 267),
1981


"A minha avó fala todos os dias com o retrato do meu avô. A imagem assume uma presença real..."
(Joana Diniz)

O RETRATO É PRESENÇA



Gaius Julius Caesar (100-44 a.C.)

Plutarchus Al. Fugam: retrato
Londres, séc. I, 19 cm



IMORTALIZAR

Jacques-Louis David, Napoleão cruzando os Alpes, 1801-1802

Retrato: representar em desenho, pintura ou escultura uma cópia fiel

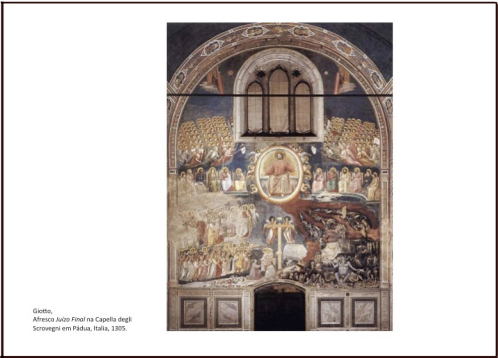
Auto-Retrato: ... relativo a si mesmo

AUTO-RETRATO COMO ASSINATURA

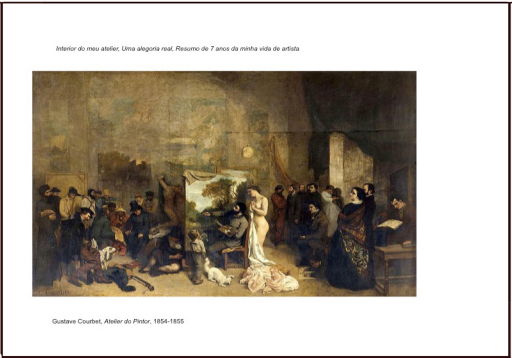
In assistência

CONFRONTO





Giotto
Alfraco Julio Fina na Capela degli
Scrovegni em Pádua, Itália, 1305.



Interior do meu ateliê. Uma alegoria real. Resumo de 7 anos da minha vida de artista

Gustave Courbet, Ateliê do Pintor, 1854-1855

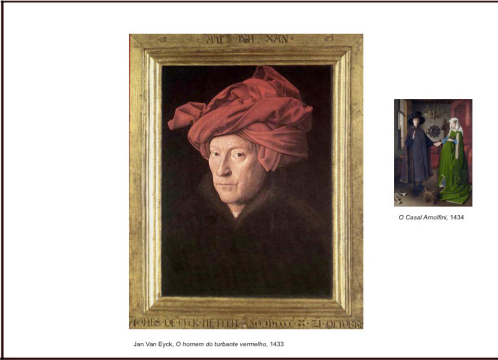


AUTO-RETRATO COMO PROJEÇÃO DO PRÓPRIO ARTISTA

Renascimento (séc.xv)
Antropocentrismo

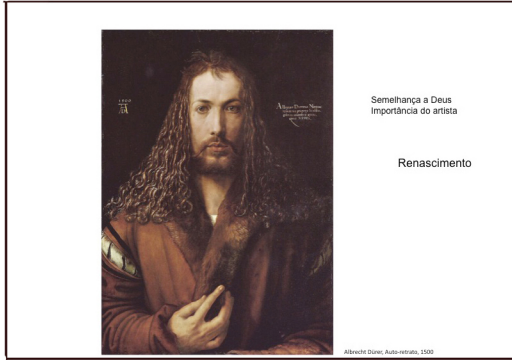


Auto-retrato de Jean Fouquet,
1450 (pintor francês, séc. XV)



O Casal Arnolfini, 1434

Jan Van Eyck, O homem do turbante vermelho, 1433



Semelhança a Deus
Importância do artista

Renascimento

Albrecht Dürer, Auto-retrato, 1500



AUTO-RETRATO COMO ESTUDO DE SI MESMO

Albrecht Dürer (1471 – 1528)
Rembrandt Van Rijn (1606 – 1669)

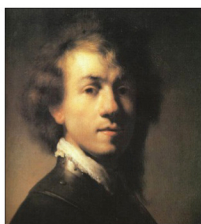


Albrecht Dürer, Auto-retrato, 1484 (Auto-retrato do artista,
com 13 anos)

Albrecht Dürer, Auto-retrato com uma almofada. Tinta sobre papel, 1491.

AUTO-RETRATO-SE DURANTE TODA A VIDA E COM VÁRIOS ESTADOS DE HUMOR

Rembrandt Van Rijn (1606 – 1669)



Auto-retrato ...



1630



Auto-retrato ...

AUTO-RETRATO FANTÁSTICO

Van Gogh (1853 - 1890)
Gustave Courbet

Acrescento de artefactos e/ou pessoas para simbolizar a condição social ou estado mental
O rosto do artista deixa de ser a imagem principal



Giuseppe Arcimboldo, Self-Portrait as Winter, 1573



Giuseppe Arcimboldo, Self-Portrait as Spring, 1573



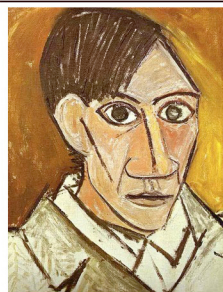
Gustave Courbet, O homem desgrenhado, 1843

AUTO-RETRATO NARRATIVO

Picasso
Chagall

Abstraccionismo (1900): mudança ainda mais significativa do retrato realista

Formas, cores e padrões representam os seus próprios interiores



Pablo Picasso, Auto-Retrato, 1907



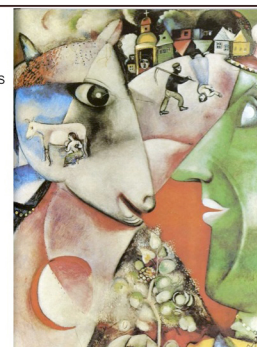
Mondrian, Auto-retrato, 1912-13

Marc Chagall, Auto-retrato com cabra, 1922-23



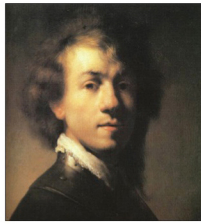
LEMBRANÇAS

Marc Chagall, Eu e a Aldeia, 1911



AUTO-RETRATA-SE DURANTE TODA A VIDA E COM VÁRIOS ESTADOS DE HUMOR

Rembrandt: Van Rijn (1606 – 1669)



Auto-retrato ...



1630



Auto-retrato ...

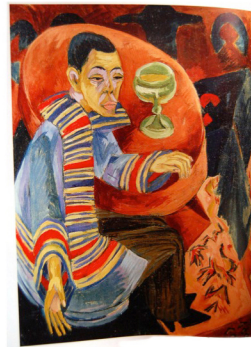
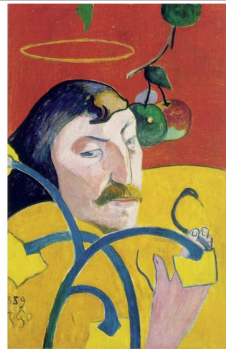
AUTO-RETRATO FANTÁSTICO

Van Gogh (1853-1890)
Gustave Courbet

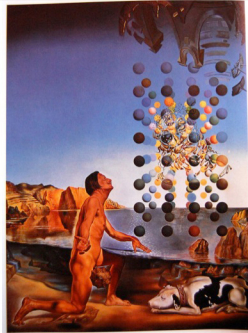
Acrescento de artefactos e/ou pessoas para simbolizar a condição social ou estado mental
O rosto do artista deixa de ser a imagem principal

CRÍTICA

Paul Gauguin: Auto-retrato com nenú, 1885.

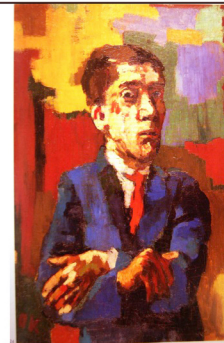


Kokoschka, O Bêbedor: Auto-retrato, 1914/15

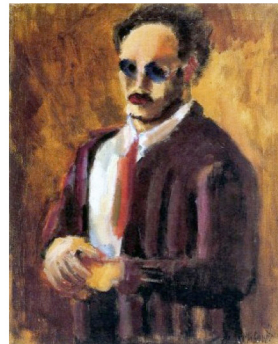


Dali nu, em contemplação perante cinco corpos regulares metanórficos em corpúsculos, nos quais aparece subtilmente a Lenda de Leonardo cronometrada pelo rosto de Gala, 1954

Kokoschka, Auto-retrato com os braços cruzados, 1923



Munch, Auto-retrato entre o Pêssimo e a Cama, 1940-42



Mark Rothko, Self-Portrait, 1930



Jackson Pollock, Portrait and a Dream, 1953

Diversidade (Séc. XX)

Arte contemporânea
Vanguardas



Auto-retrato anti-psicológico, em
lugar de pintar a alma, ou seja o
interior, pintar unicamente o exterior,
o involucre, a lusa do meu eu.

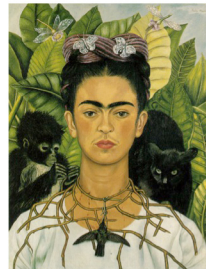
Salvador Dalí, Auto-retrato Molé com tocador oval, 1942



Francis Bacon, Auto-retrato, 1969



Diego Rivera, Auto-retrato dedicado a René Rich, 1941



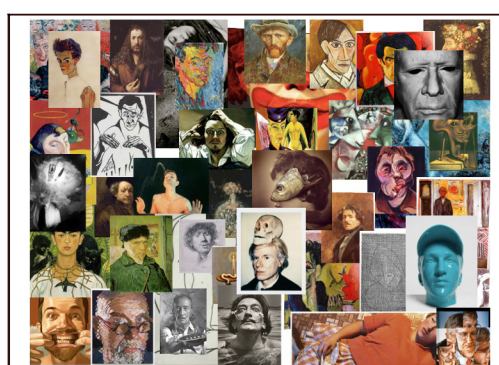
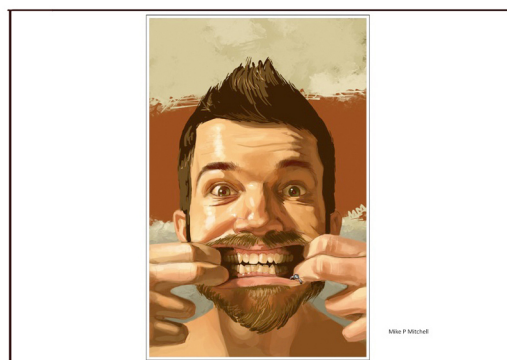
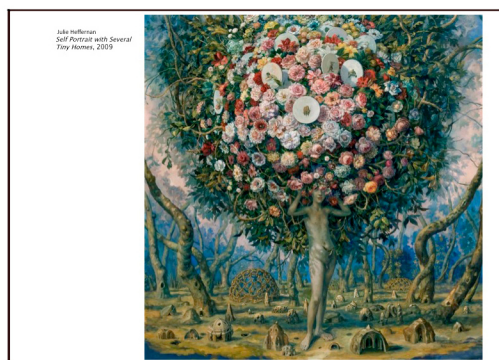
Frida Kahlo, Self-portrait with Thorn Necklace and Hummingbird



Lucian Freud, Auto-retrato, 1985



Andy Warhol, Self-Portrait 1986



Evolução formal: perda de realismo em termos de semelhança

Auto-retrato é o testemunho de uma presença num determinado tempo e lugar

Auto-retrato é uma experiência de consciência de si (confronto entre o interior e o exterior) e uma experiência de transformação

Exercício

1. Pensar na produção de um auto-retrato
2. Escolher objectos: tempo e lugar
(Objectos podem identificar a situação real/presente ou transportar para outra hipotética)

Desenhar esses objectos segundo princípios de transformação: Gráfica: ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação, repetição ...
Invenção: construção de texturas, objectos e ambientes



APRESENTAÇÃO 2 – Transformação Gráfica

Apresentação 2

Exercício

1. Pensar na produção de um auto-retrato
2. Escolher objectos: tempo e lugar
(Objectos podem identificar a situação real/presente ou transportar para outra hipotética)



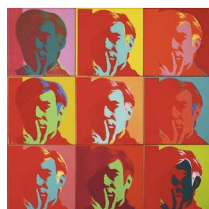
Julie Taymor, *Frida*, 2002 (DVD)



Julie Taymor, *Frida*, 2002 (DVD)

Desenhar esses objectos segundo princípios de transformação: Gráfica: ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação, repetição...
Invenção: construção de texturas, objectos e ambientes

REPETIÇÃO



Auto-retrato - Andy Warhol, 1966

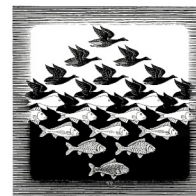
10 ANOS POUPANÇA BES *finisar*

POUPE COM OS PIGGY POPS



Cindy Sherman, *Experiments in Motion*

ALTERNÂNCIA



M. C. Escher, *Sky & Water I*, woodcut, 1938

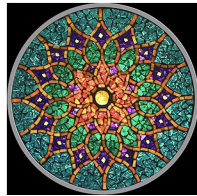


ROTAÇÃO



Auto-retrato, Andy Warhol, Gal. Thaddaeus Roppe, São Paulo

Mandala: símbolo do hinduísmo e budismo representa o universo



A rotação e o movimento...

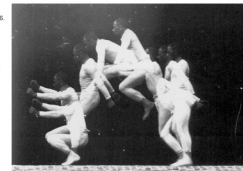


Étienne-Jules Marey, cronofotografia 1890



vídeo: publicidade da Adidas

Étienne-Jules Marey, High Jump, 1896



Étienne-Jules Marey, cronofotografia 1890



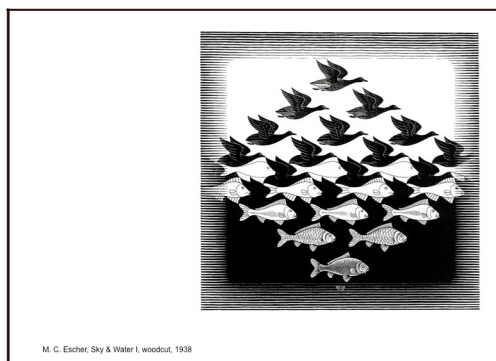
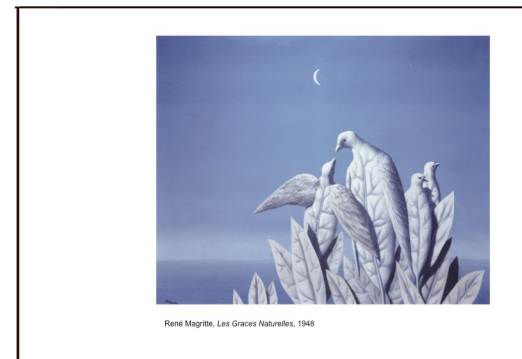
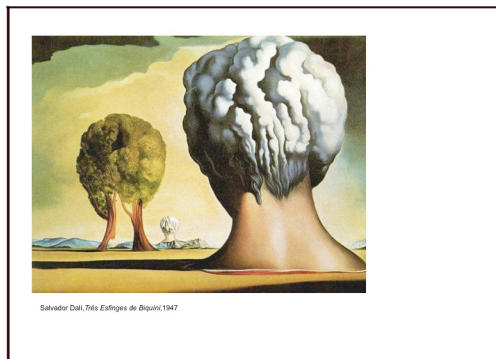
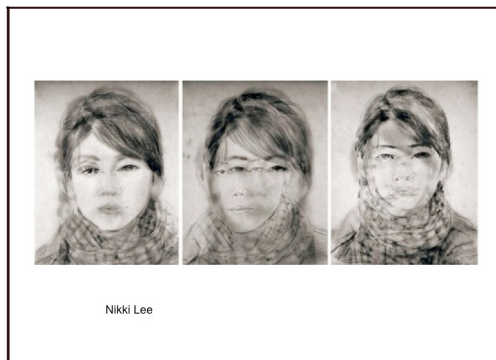
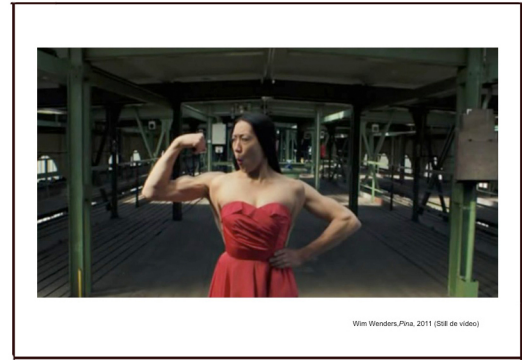
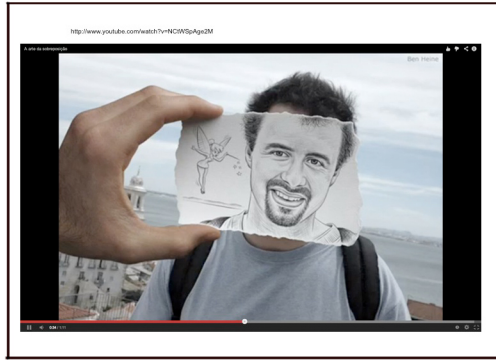
SOBREPOSIÇÃO

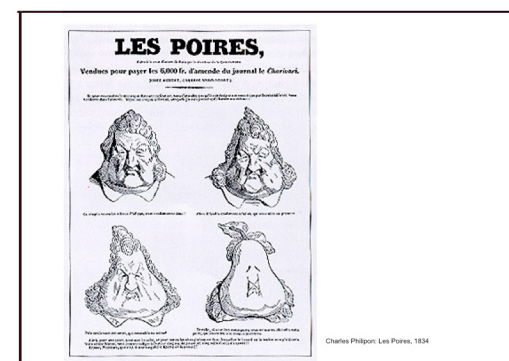
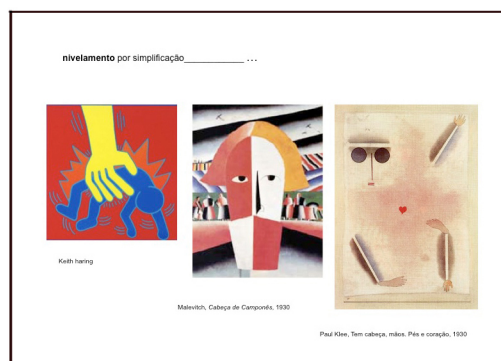
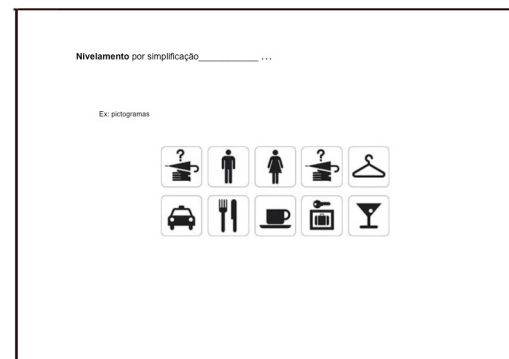
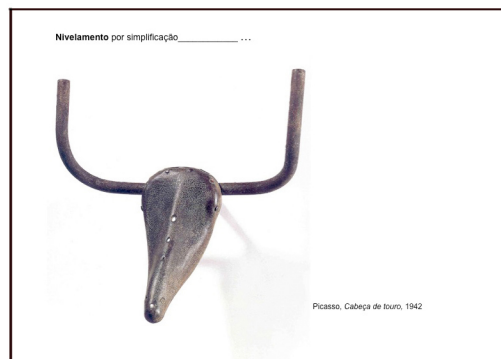
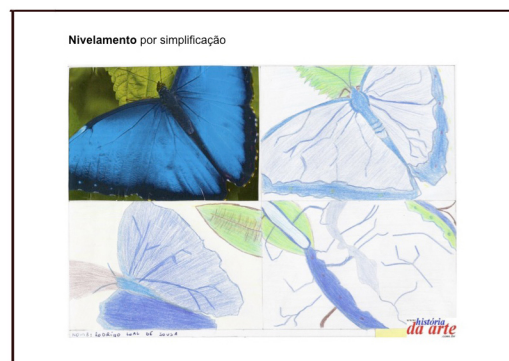
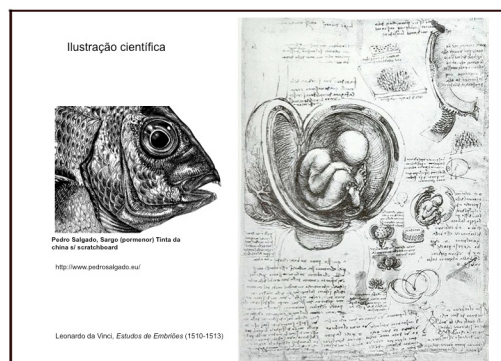
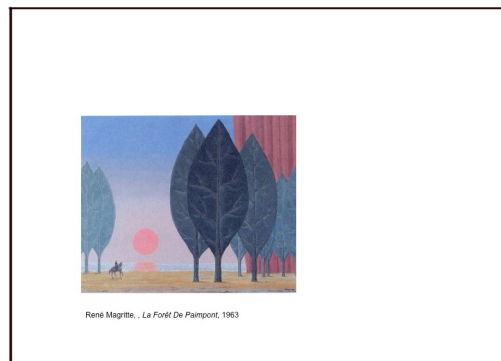


Bernardo Carvalho

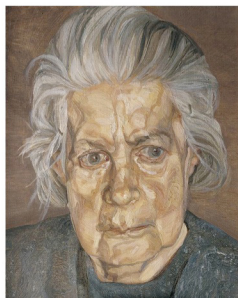


Julia Taymor, Frida, 2002 (DVD)



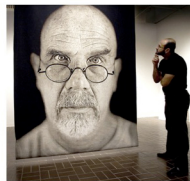


Nivelamento por **acentuação** _____



Lucian Freud, The Painter's Mother II, 1972

Nivelamento por acentuação _____ **Hiper-realismo**



Chuck Close



Gotthard Helmer

<http://www.virtuova.com/realistic-paintings/>

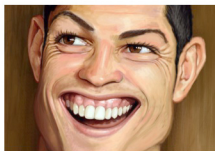
Nivelamento por acentuação _____
AMPLIAÇÃO, CARICATURA



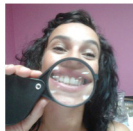
Salvador Dalí



Magritte, A língua da filosofia, 1936



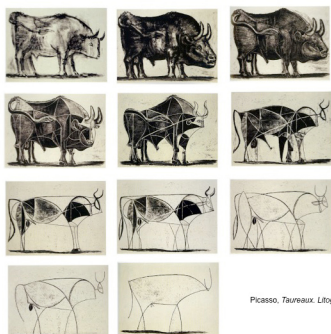
Por Zilber, 2012



Ou...
Redução



Tom LaDuke, Untitled (Self Portrait), 2001
Castellano, watercolor, glass beads, Porcupine model
12 x 5.5 x 4.5 inches



Picasso, Taureau, Litografia, 1945

POSITIVO NEGATIVO



Che Guevara



René Magritte, Decalcomania, 1966.



Banksy



Banksy

Aplicação na AUTO-REPRESENTAÇÃO

EXEMPLOS

Repetição



Alternância



Positivo/Negativo



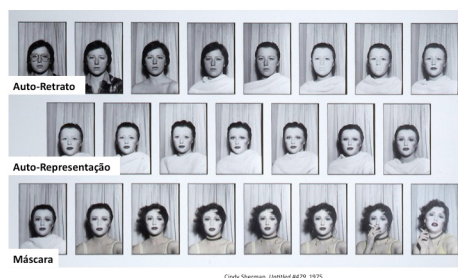
Sobreposição

...

APRESENTAÇÃO 3 – *Do Auto retrato à Máscara, passando pela Auto-Representação*

Apresentação 3

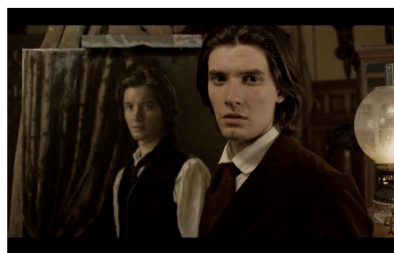
***do auto-retrato à máscara
passando pela auto-representação***



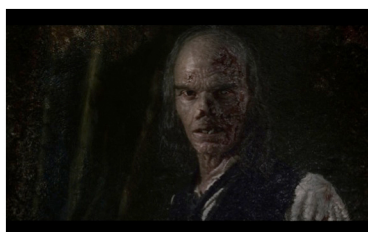
Cindy Sherman, Untitled #479, 1975

EVOLUÇÃO DO SIMPLES TESTEMUNHO DE UMA
PRESENÇA NUM DETERMINADO TEMPO E LUGAR PARA
UM CONJUNTO DE INFORMAÇÕES CODIFICADAS

AUTO-RETRATO

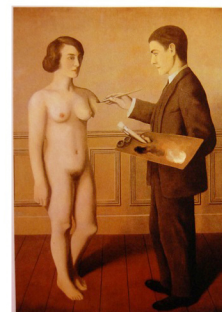


The Picture of Dorian Gray romance do Oscar Wilde
até do filme de Oliver Parker, 2009



COLOCAR TUDO NO AUTO-RETRATO

OU CONSTRUIR UMA
REALIDADE UTOPICA



Magritte, *L'Impossible*, 1928
Pigmalião – Metamorfoses de Ovidio

MOSTRAR EMOÇÕES



Gustave Courbet, *O Desesperado*, 1843



Gustave Courbet, *Homem Jovem*, Auto-retrato



REGISTAR EXPRESSÕES

Rembrandt, Auto-retrato
Não se cansou de se estudar representando-se a si próprio durante toda a vida, com vários estados de humor

COLOCAR-NOS
NA POSIÇÃO DE
OUTROS

Durer



Brett Whiteley, *Auto-retrato no estúdio*

REALIZAR UM
PERCURSO
NOSTÁLGICO



Nicholas Nixon, *The Brown Sisters*, 1975

Em 1975 Nicholas Nixon tirou uma fotografia à sua mulher e às 3 irmãs, durante 36 anos (de 1975 a 2011)
<http://www.123artstation.com/Your-sisters-take-their-photo-every-year-for-36-years/>



Nicholas Nixon, *The Brown Sisters*, 2012

EXPLORAR TODO O ROSTO



Chuck Close
Self-Portraits/Five Part, Slate II
2008
Jacquard tapestry, ed. of 6
79 x 232 inches

DAR-LHE MOVIMENTO

CONGELAR UM MOMENTO



KAWS
Permanent Thirty-Three
2008
Painted bronze, series of 33 unique colors
11 x 6.25 x 9.5 inches

AUTO-REPRESENTAÇÃO

"O mundo é um palco e os homens são meros actores" William Shakespeare

+ DO QUE UMA IMAGEM SEMELHANTE, PODEMOS SER VÁRIAS COISAS

AUTO-REPRESENTAÇÃO



Cindy Sherman, *Untitled Film Still #211*, 1978, Black and white photograph, Ed. 2/3, 30 x 40 in. (76.2 x 101.6 cm)



Auto-retrato como Baco, Caravaggio, 1593/94



Cindy Sherman,

Reprodução de obras de arte



Cindy Sherman, *Self-portrait as wealthy woman* "of a certain age," 1997

Papéis sociais

DISTORCER CONFORME
NOS SENTIMOS



Tom Lauder, *Untitled (Self-Portrait)*, 2001
Castile, watercolor glass, breath, horizon model kit
12 x 5.5 x 4.5 inches

PODEMOS SER OBJECTOS



Bruce Nauman, *Auto-retrato como Jato*, 1966

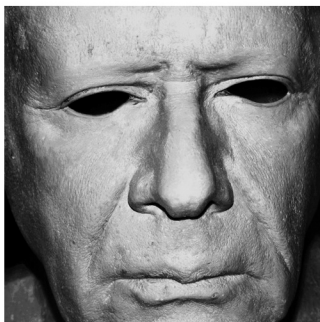


PODEMOS MULTIPLICAR-NOS

OU CAMUFLAR



Fernando Lemos, *Eu (Auto-retrato)*, 1989



FAZER MOLDES COM
O NOSSO CORPO

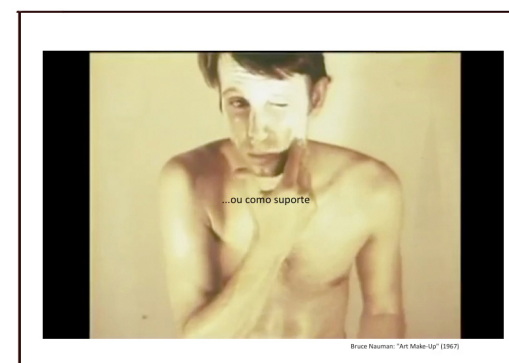
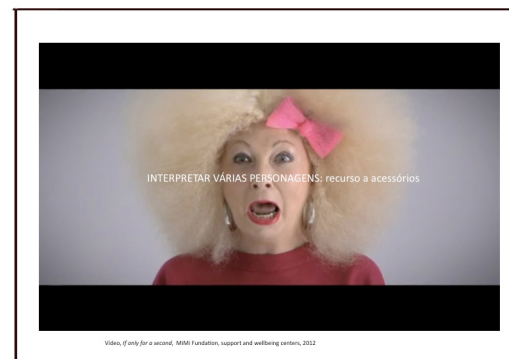
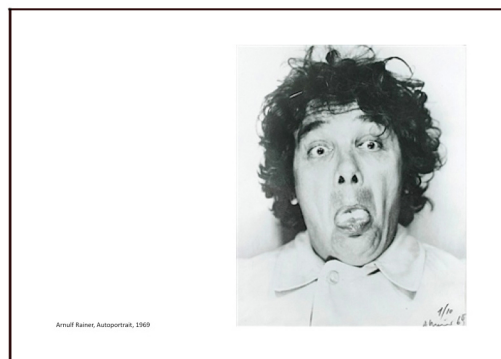
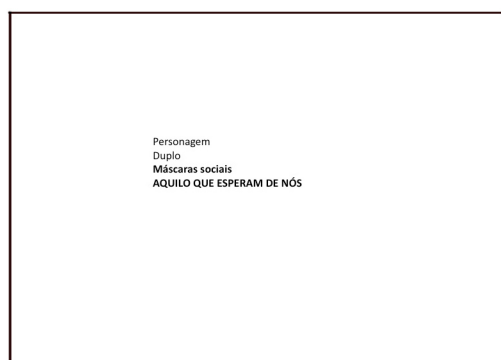
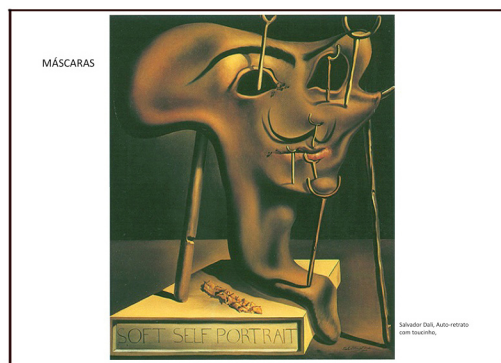


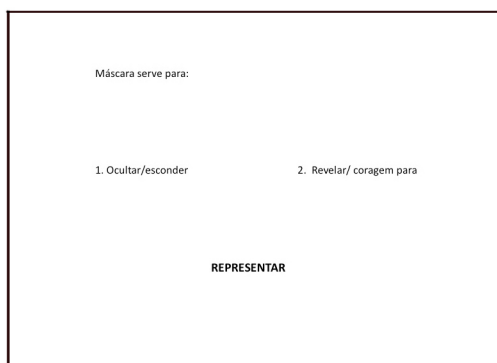
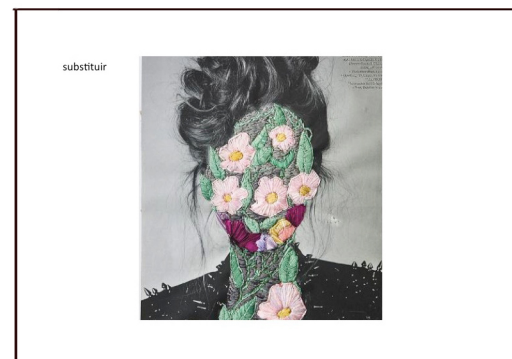
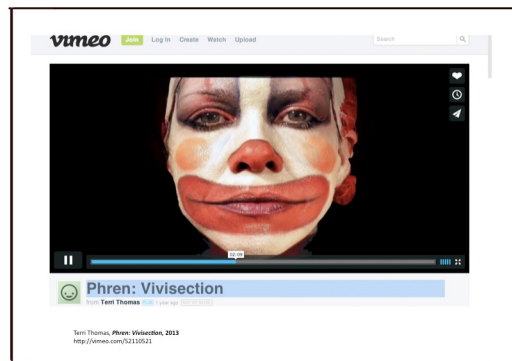
Jorge Wladimir Pinocchio, 2000-2007. *Travessia*
digital sobre papel fotográfico, 40x50 cm, 36 x 36 cm.

MÁSCARAS



Suzana Wines, 2012





2. Revelar/ coragem para



Anna Calvi
Fotografia de Linda Nylind, para o jornal britânico The Guardian



Daft Punk, Pharrell Williams e Nile Rodgers, 2012.



Amy Winehouse (1983-2011) London, UK

Considerar:

REFERENTE - EU

MEDIUM

REPRESENTAÇÃO FINAL

E, os objectos (modo de organização do espaço da folha/ composição)



medium
O que torna visível a nossa imagem para que possamos representar o seu **Reflexo** (espelho, água, vidro, câmeras)



Nigredo: Representação proibida
(Matrizes de Edward James), 1957

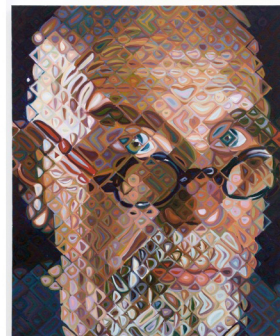


Narcissus Caravaggio (1594-96)

Lentes!



Vidros?



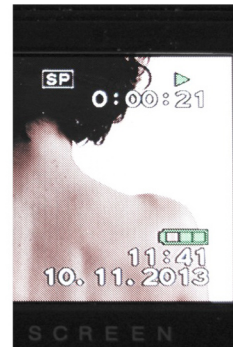
Chuck Close
Auto-retrato II, 2011
Oil on canvas

Água?



Fotografia tirada na estação espacial europeia - o que acontece à água

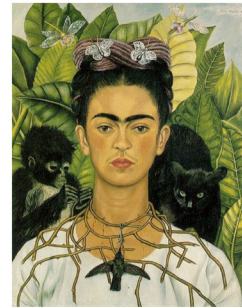
Câmaras (fotografia, vídeo)



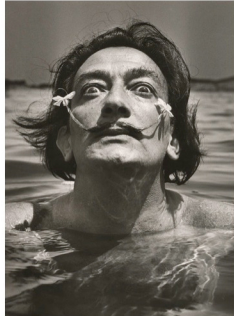
Composição:

REFERENTE (ROSTO/CORPO) + ESPAÇO CIRCUNDANTE + OBJECTOS

Vitrine



Ornamentos



cenário



"A liberdade guiando o povo" - Eugène Delacroix (1830) e "A liberdade guiando os legumes" - Jo Duijs

Objecto



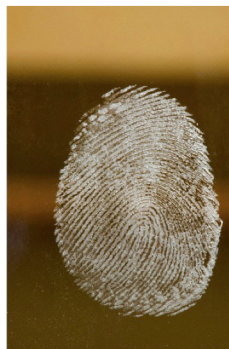
Louise Bourgeois, Spider Woman, 2005



1987, "Quando um homem morre"

A escolha dos objectos ajuda a colocarmo-nos num determinado tempo e lugar, que é o nosso ou outro que se possa desejar.

Representar a ausência



Felix Gonzalez Torres, sem título, 1995.

ANEXO 5 – Resultados

Exemplos de:

1. Sessão fotográfica
2. Exercícios de transformação gráfica
3. Estudos de cor no *software Photoshop*
4. Trabalhos finais
5. Exposição – *A minha arte é ser eu* (Fernando Pessoa)

1. Sessão fotográfica



Fig. 31
Azinádia Augusto
Sessão fotográfica (2014)

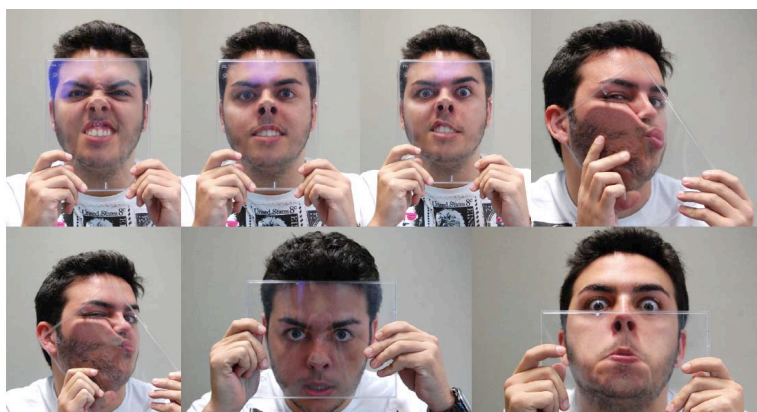


Fig. 32.
Ricardo Alexandre
Sessão fotográfica (2014)



Fig. 33
Patrícia Reis
Sessão fotográfica (2014)

2. Exercício de transformação gráfica

2.1 Repetição



Fig. 34.
Ricardo Alexandre
Exercício de transformação gráfica: repetição (2014)



Fig. 35
Lúcia Melo
Exercício de transformação gráfica: repetição (2014)

2.2 Alternância

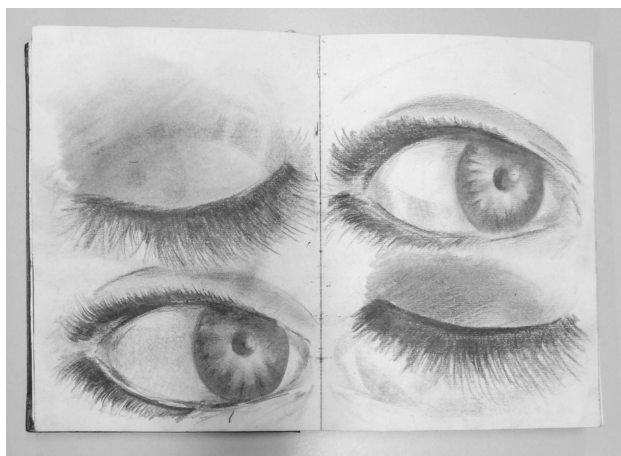


Fig. 36
Rafael França
Exercício de transformação gráfica:: alternância (2014)



Fig. 37
André Silva
Exercício de transformação gráfica: alternância (2014)

2.3 Rotação

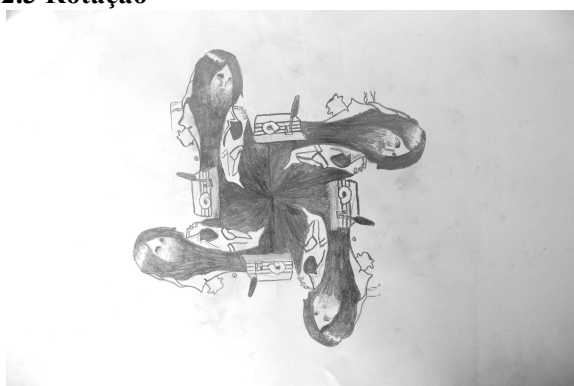


Fig. 38
André Lopes
Exercício de transformação gráfica: rotação (2014)



Fig. 39
Geteia Cá
Exercício de transformação gráfica: rotação (2014)



Fig. 40
André Silva
Exercício de transformação gráfica: rotação (2014)

2.4 Sobreposição



Fig. 41
Marta Maganão
Exercício de sobreposição - diário gráfico (2014)



Fig. 42
Mariana Araújo
Exercício de transformação gráfica: sobreposição (2014)

2.5 Positivo/Negativo



Fig. 43

André Silva

Exercício de transformação gráfica: positivo/negativo (2014)



Fig. 44

Marta Maganão

Exercício de transformação gráfica: positivo/negativo (2014)

2.6 Transformação



Fig. 45

Geteia Cá

Exercício de transformação gráfica: transformação (2014)



Fig. 46
Erika Menezes
Exercício de transformação (2014)



Fig.47
André Lopes
Exercício de transformação gráfica: transformação (2014)



Fig. 48
Diana Valente
Exercício de transformação gráfica:
transformação (2014)



Fig. 49
Diana Valente
Exercício de transformação gráfica:
transformação (2014)

2.7 Nivelamento por simplificação e acentuação



Fig. 50
Catarina Almeida
Exercício de transformação gráfica: Nivelamento por simplificação e acentuação (2014)

3. Estudos de cor no *software photoshop*



Fig. 51
Inês Sakaita
Estudos de cor (2014)

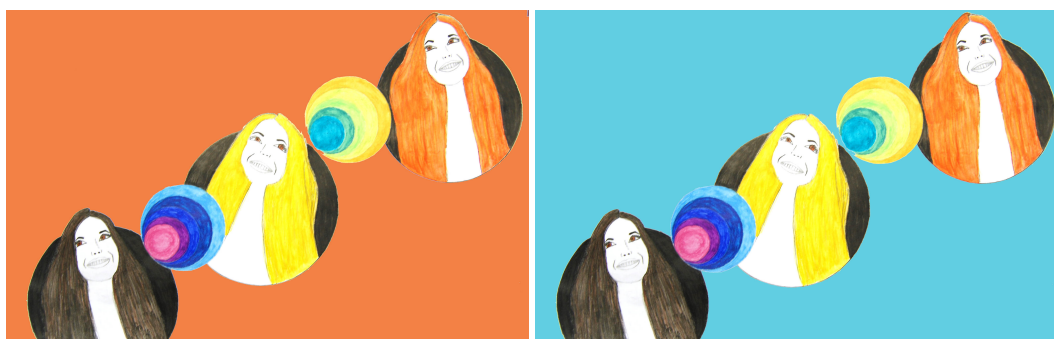


Fig. 52
Lúcia Melo
Estudos de cor (2014)

4. Trabalhos finais



Fig. 53
Melissa Ramos
Trabalho final de auto-representação (2014)



Fig. 54
André Silva
Trabalho final de auto-representação (2014)



Fig. 61
Marta Maganão
Trabalho final de auto-representação (2014)

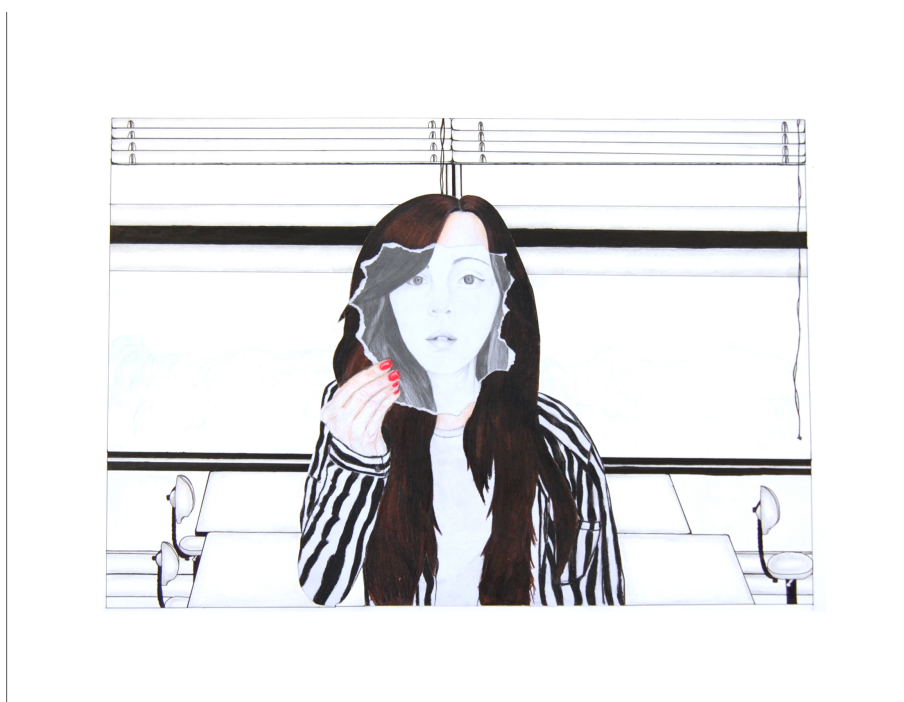


Fig. 56
Diana Valente
Trabalho final de auto-representação (2014)



Fig. 57
Mariana Araújo
Trabalho final de auto-representação (2014)



Fig. 58
Sara Silva
Trabalho final de auto-representação (2014)



Fig. 59
Rafael França
Trabalho final de auto-representação (2014)



Fig. 60
Melissa Ramos
Trabalho final de auto-representação (2014)

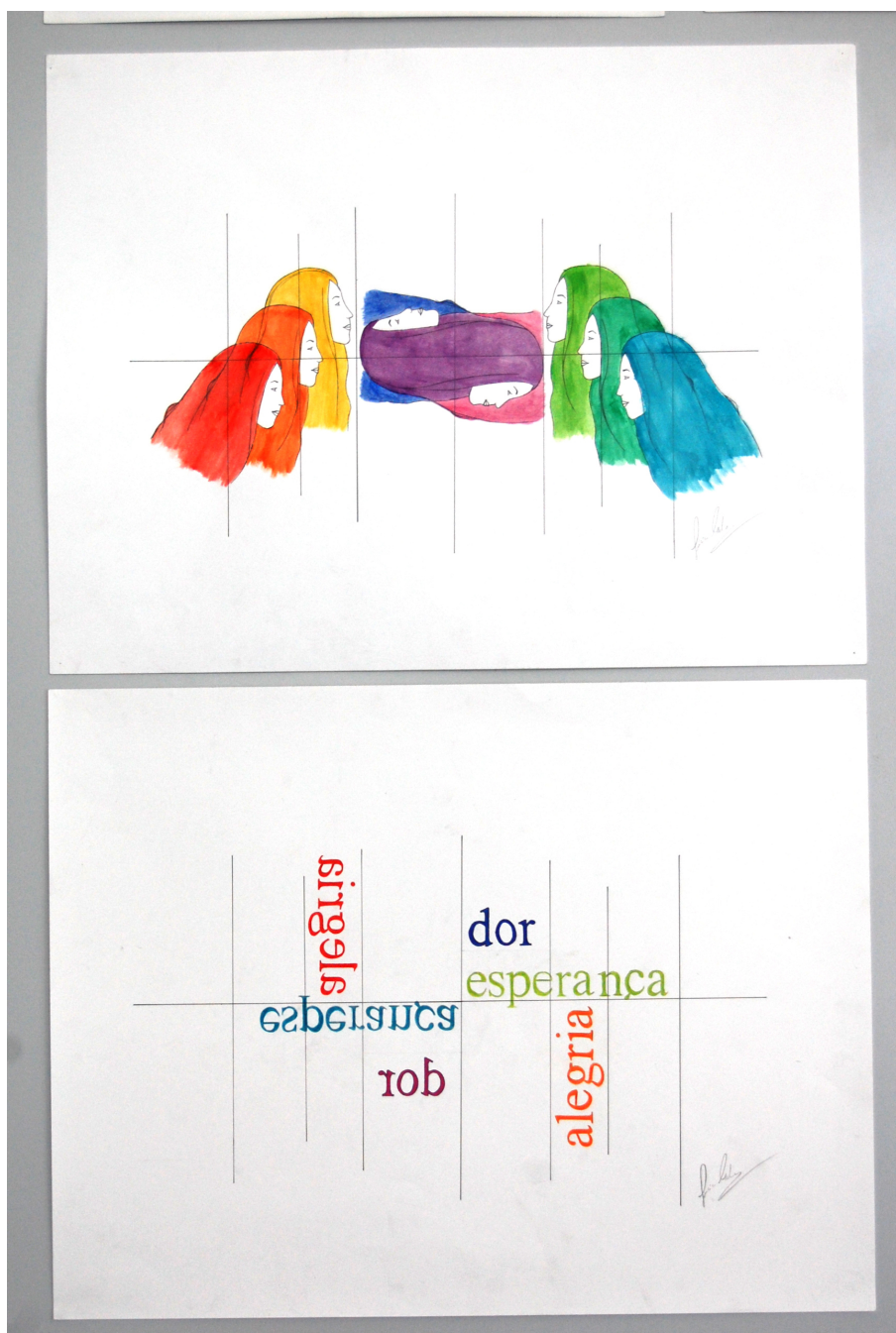


Fig. 61
 Lúcia Melo
 Trabalho final de auto-representação (2014)

5. Exposição: *A minha arte é ser eu* (Fernando Pessoa)



Fig. 62
Sandra Henriques
Exposição *A minha arte é ser eu* (2014)



Fig. 63
Sandra Henriques
Exposição *A minha arte é ser eu* (2014)



Relatório

Mestranda Sandra Henriques

A mestranda Sandra Henriques realizou um estágio pedagógico na Escola Secundária com 3º ciclo Padre António Vieira, no decorrer dos anos letivos 2012/2013 e 2013/2014, acompanhando o trabalho letivo diário na disciplina de Desenho A da turma 10ªAV1 (em 2012/2013) e 11ªAV1 (em 2013/2014) do Curso Humanístico de Artes Visuais do Ensino Secundário. Foi orientada pela professora Cooperante Elisa Mendonça e lecionou duas unidades didáticas.

No decorrer dos dois anos acompanhou as aulas e colaborou com todas as atividades letivas da turma quer na sala de aula, quer nas visitas de estudo e outras sessões pedagógicas, quer ainda na seleção, preparação e montagem de trabalhos e vídeo para a exposição final da turma.

No 10ªAV1 (2012/2013) lecionou a unidade didática sobre a cor, construindo um plano de aula motivador e coerente, com estratégias pedagógicas eficientes que foi aferindo e reestruturando à medida que era necessário, praticando uma verdadeira avaliação formativa no sentido de permitir a melhoria contínua das aprendizagens, desenvolver competências e hábitos de trabalho nos alunos.

No 11ªAV1 (2013/2014) desenvolveu uma unidade didática sobre autorretrato e autorrepresentação, relacionando conteúdos do programa de Desenho A como o desenho da figura humana e o aprofundamento dos processos de transformação gráfica, concebida para motivar e desenvolver o trabalho criativo e autónomo dos alunos.

Demonstrou que como professora domina as didáticas da disciplina, organiza os objetivos e conteúdos de maneira coerente com o programa, o desenvolvimento dos



estudantes e o seu nível de aprendizagem, seleciona recursos de aprendizagem de acordo com os objetivos definidos e as características dos alunos, estabelece um clima favorável à aprendizagem e estimula atitudes positivas. Aplica estratégias desafiantes procurando desenvolver a criatividade e a autonomia dos alunos.

A mestranda Sandra Henriques interessou-se ainda pelos aspetos teóricos das Ciências da Educação, realizando dois trabalhos de reflexão, em conjunto com a professora cooperante, sobre o contexto prático e teórico, estratégias e avaliação das unidades didáticas referidas, que foram submetidos ao Congresso Matéria-Prima. O primeiro sobre “Sentido-Forma-Cor” já apresentado no decorrer do II Congresso em julho de 2013, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. O segundo sobre o autorretrato e autorrepresentação, com o título “A minha arte é ser eu”, será apresentado em julho do corrente ano.

Dada a sua grande dedicação, empenho, assiduidade e capacidade de trabalho, a avaliação do seu desempenho é Excelente.

Lisboa, 2 de Junho de 2014

